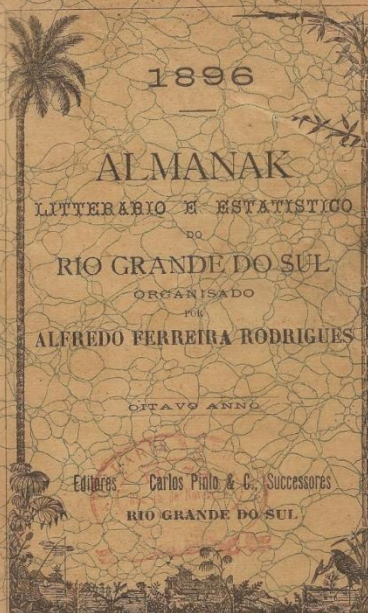




Imprensa periódica na cidade do Rio Grande: dois breves estudos de caso

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

99



UNIVERSIDADE
ABERTA
www.ua.pt

Cátedra CIPSH
de Estudos Globais
2020-2025



Imprensa periódica na cidade do Rio Grande: dois breves estudos de caso



COLEÇÃO
RIO-GRANDENSE



CONSELHO EDITORIAL/CIENTÍFICO

Alvaro Santos Simões Junior

- Universidade Estadual Paulista – Assis -

António Ventura

- Universidade de Lisboa -

Beatriz Weigert

- Universidade de Évora -

Carlos Alexandre Baumgarten

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul -

Ernesto Rodrigues

- CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Francisco Gonzalo Fernandez Suarez

- Universidade de Santiago de Compostela -

Francisco Topa

- Universidade do Porto -

Isabel Lousada

- Universidade Nova de Lisboa -

João Relvão Caetano

- Cátedra CIPSH de Estudos Globais (CEG) -

José Eduardo Franco

- CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Maria Aparecida Ribeiro

- Universidade de Coimbra -

Maria Eunice Moreira

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul –

Maria Cristina Firmino Santos

- Universidade de Évora -

Vania Pinheiro Chaves

- CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Francisco das Neves Alves

Imprensa periódica na cidade do Rio Grande: dois breves estudos de caso



UNIVERSIDADE
AbERTA
www.uab.pt

**Cátedra CIPSH
de Estudos Globais**
2020-2025



Biblioteca Rio-Grandense

Lisboa / Rio Grande
2025

DIRETORIA DA CÁTEDRA DE ESTUDOS GLOBAIS DA UNIVERSIDADE ABERTA/CIPSH/UNESCO

DIREÇÃO:

José Eduardo Franco (Coord)
Carla Oliveira
Cécile Méadel
Fabrice d'Almeida
João Luís Cardoso
José Ignacio Ruiz Rodríguez
Valérie Dévillard
Pierre-Antoine Fabre

COMISSÃO PEDAGÓGICA:

João Relvão Caetano (Coord.)
Darlinda Moreira
Jeffrey Scoot Childs
Rosa Sequeira
Sandra Caeiro

ASSESSORIA EXECUTIVA:

Cristiana Lucas (Coord.)
José Bernardino
Milene Alves
Paula Carreira
Susana Alves-Jesus

DIRETORIA DA BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE

Presidente: Francisco das Neves Alves
Vice-Presidente: Pedro Alberto Távora Brasil
Diretor de Acervo: Ronaldo Oliveira Gerundo
1º Secretário: Luiz Henrique Torres
2º Secretário: Marcelo França de Oliveira
1º Tesoureiro: Valdir Barroco
2º Tesoureiro: Mauro Nicola Póvoas

Ficha Técnica

- Título: Imprensa periódica na cidade do Rio Grande: dois breves estudos de caso
- Autor: Francisco das Neves Alves
- Coleção Rio-Grandense, 99
- Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira
- Cátedra de Estudos Globais da Universidade Aberta/CIPSH/UNESCO
- Biblioteca Rio-Grandense
- Lisboa / Rio Grande, Janeiro de 2025

ISBN – 978-65-5306-018-0

CAPA: BISTURI. Rio Grande, 1º abr. 1888 e ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL PARA 1896. Rio Grande, 1895

Sobre o autor:

Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018), à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019), à UNESP (2020) e à Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII (2021). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de duzentos livros.

SUMÁRIO

**Polêmicas desde as origens: o surgimento do
Bisturi e a imprensa rio-grandina / 11**

**Alfredo Ferreira Rodrigues e o *Almanaque
Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul* / 75**

Polêmicas desde as origens: o surgimento do *Bisturi* e a imprensa rio-grandina

Uma prática jornalística que ganhou esplêndida popularidade em meio ao público leitor do século XIX tinha por intento fundamental estimular o riso em meio aos seus consumidores, embasando suas pautas editoriais em abordagens carregadas de humor, sátira, ironia, entre tantas outras estratégias, dando base à execução de um jornalismo essencialmente crítico-opinativo. Tais propostas constituíram o periodismo ilustrado-humorístico que, por meio da arte caricatural, ganhou o mundo dos Oitocentos, pois, mesmo não deixando de lado o texto, tinha a imagem como fundamento de sua expressão, de modo que conseguia atingir segmentos populacionais que ia até mesmo além dos alfabetizados.

Nesse sentido, foram muitos os países em que a caricatura difundida por meio dos periódicos, tornou-se até mesmo “um gênero de primeira necessidade, indispensável ao fígado da civilização”. Dessa maneira, “como a ironia e o chiste não são plantas vulgares, e porque o rir-nos uns dos outros é da higiene humana, custeia cada povo as suas mutucas”, ou seja, a criação caricatural levava em conta que “em nada se estampa melhor a alma de uma nação, do que na obra de seus caricaturistas”, parecendo que “o modo de pensar

coletivo tem seu resumo nessa forma de riso”¹. De acordo com tal perspectiva, “no correr dos tempos, quando firmado seu domínio de arma das mais poderosas na imprensa, pela universalidade do seu alcance, a caricatura” demarcou “sua alta significação como arte autêntica, não só na análise dos costumes políticos e sociais, como na fixação de elementos” reveladores dos fundamentos históricos e sociológicos de uma determinada sociedade².

Esse processo de expansão da arte caricatural por meio da imprensa também se fez notar intensamente no Brasil oitocentista, com um jornalismo ilustrado-humorístico amplamente praticado na capital imperial/republicana e daí se espalhando para as principais localidades do país³. A mais meridional das unidades administrativas brasileiras também contou com os bafejos da imprensa caricata, com periódicos editados em suas três mais importantes cidades – Porto Alegre, Rio Grande e Pelotas. Dentre elas, a comunidade portuária do Rio Grande, tendo ao longo do século XIX as atividades mercantis como sua base econômica, viria a contar com diversificada atividade jornalística, sendo um dos gêneros mais constantes nas últimas décadas de

¹ LOBATO, Monteiro. A caricatura no Brasil. In: *Ideias de Jeca Tatu*. São Paulo Brasiliense, 1955. p. 7.

² LIMA, Herman, *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963. p. 5.

³ Observar: FLEIUSS, Max. A caricatura no Brasil. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: IHGB, 1916. t. 80. p. 583-609.; MAGNO, Luciano. *História da caricatura brasileira*. Rio de Janeiro: Gala Edições de Arte, 2012.; e TÁVORA, Araken. *D. Pedro II e o seu mundo através da caricatura*. São Paulo: Documentário, 1976.

IMPRENSA PERIÓDICA NA CIDADE DO RIO GRANDE: DOIS BREVES ESTUDOS DE CASO

tal centúria o satírico-humorístico voltado à difusão caricatural.

No contexto rio-grandino, um dos artistas da caricatura e da litografia que mais obteve sucesso foi Thadio Alves de Amorim (1856-1920), que desde jovem mostrou seus pendores voltados à arte de ilustrar. Para tanto, realizou aulas de desenho com o artista e fotógrafo francês Edouard Timoleon Zalony, que por significativo tempo trabalhou na cidade do Rio Grande. A partir de então se voltou à criação caricatural de modo que atuou em praticamente todos os projetos editoriais de tal gênero que se fizeram manifestar no âmbito citadino. Assim, foi colaborador em *O Amolador* e funcionário de *O Diabrete* e do *Maruí*, vindo depois a tornar-se proprietário e dirigir a este último periódico. Esteve à frente também das folhas *A Semana Ilustrada* e *O Rio Grande Ilustrado*. O ponto alto de sua carreira ocorreu com a edição do *Bisturi*, publicação que fundou, dirigiu, redigiu e ilustrou de 1888 a 1915⁴. Nesse quadro, Thadio dedicou mais de quatro décadas de sua existência à expressão da arte caricatural.

A opção profissional de Thadio Amorim acarretaria uma carreira marcada por conflitos, chegando a enfrentar processos judiciais, ameaças, vigilância constante das autoridades públicas e culminando até mesmo com a sua prisão. Apesar de tais vicissitudes, o caricaturista não abriu mão do espírito fundamentalmente crítico que caracterizava sua arte,

⁴ FERREIRA, Athos Damasceno. *Artes plásticas no Rio Grande do Sul (1755-1900)*. Porto Alegre: Globo, 1971. p. 333-345.; e FERREIRA, Athos Damasceno. *Imprensa caricata do Rio Grande do Sul no século XIX*. Porto Alegre: Globo, 1962. p. 159-190.

denunciando a todos que considerava como responsáveis por malfeitos e mazelas em meio à vida social. Tal comportamento ficaria ainda mais enraizado nas páginas do *Bisturi*, no qual seu viés crítico ganhou maior ênfase. Dentre os principais adversários de Thadio estiveram seus próprios colegas de jornalismo, os quais não eram poupados pelo olhar satírico-humorístico do caricaturista. Nesse sentido, quando Amorim lançou o primeiro número do *Bisturi*, a 1º de abril de 1888, o simples surgimento do semanário causaria alvoroço e geraria profunda polêmica em meio ao jornalismo da urbe portuária.

Levando em conta o fio condutor da crítica caricatural, Thadio Alves de Amorim sustentou densos conflitos discursivos/imagéticos com outros periódicos. Sua óptica crítica já o colocava como um potencial adversário dos demais jornais, mas sua tendência liberal evidenciava uma oposição ainda maior por parte da imprensa conservadora. Nessa linha, Amorim tornou-se um combatente adversário dos conservadores, à época imperial, e dos castilhistas, no período republicano, conquistando profundas inimizades que buscaram obstaculizar sua carreira. Os confrontos do caricaturista com seus antagonistas refletiam o espaço discursivo em que os contendores, com pensamentos e práticas conflitantes, promovem a deflagração de um enfrentamento pela hegemonia de um deles⁵. Ocorriam assim atritos, choques e combates que demarcavam a

⁵ MARTINS, Eleni J. *Enunciação & diálogo*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1990. p. 180-181.

IMPRENSA PERIÓDICA NA CIDADE DO RIO GRANDE: DOIS BREVES ESTUDOS DE CASO

oposição em jogo⁶, em uma disputa que abrangia ideias, interesses e vontades conflitantes⁷, com a criação de uma situação de argumentação dialógica, a partir da qual se derivava um contexto para a expansão das figuras de oposição⁸.

No número inaugural do *Bisturi*⁹, Thadio buscava ao menos demonstrar que seu objetivo com a novel publicação seria o de buscar certa harmonia, ou ao menos aceitação por parte dos demais representantes da imprensa citadina, tanto que, na capa, apresentou seu autorretrato, de crayon à mão, como era seu costume, para designar a arte caricatural, apresentando-se com certa amabilidade para os redatores dos demais jornais rio-grandinos. Nesse quadro, dizia “Caríssimos colegas, tenho a honra de vos cumprimentar, apresentando-me de novo na estacada do jornalismo”, em meio a este “labor contínuo dos obreiros do progresso”. Além de demarcar que o *Bisturi* era mais um passo em sua carreira, Amorim intentava apresentar o viés de sua prática jornalística, ao afirmar: “Sou crítico, mas não me arredarei um só momento dos foros da imprensa honesta, usando uma crítica benévola e bem intencionada e não dessa crítica cínica que...”. Antes que conseguisse terminar sua frase, o caricaturista foi

⁶ MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. 12.ed. São Paulo: Cultrix, 2004. p. 95.

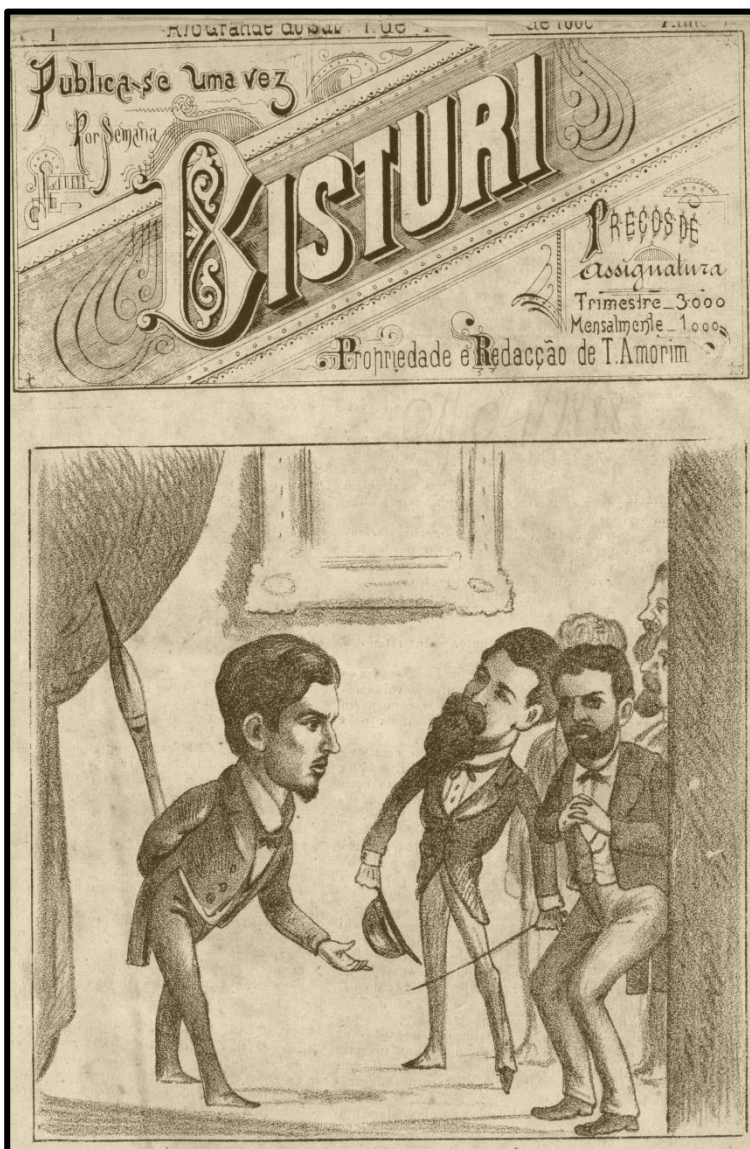
⁷ SHAW, Harry. *Dicionário de termos literários*. Lisboa: Dom Quixote, 1978. p. 116.

⁸ CHARAUDEAU, Patrick & MAINGUENAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2004. p. 129.

⁹ BISTURI. Rio Grande, 1º abr. 1888, p. 1-8.

interrompido pelo “colega” Rocha Galo, exatamente o redator do *Eco do Sul*, folha que seria uma das mais sérias adversárias do *Bisturi*, o qual em um misto de impaciência e descrédito para com o alcance do teor crítico que Thadio anunciava para a nova edição, atalhava: “Basta, basta, pode entrar, já sei, já sei...”. Ao apresentar o conteúdo programático do novo hebdomadário, Alves Amorim reforçava a perspectiva de sua retomada nas lides da imprensa caricata, manifestava o crédito no apoio da população rio-grandina e garantia sua luta contra “desvios, escândalos, calúnias e vícios”, que assolavam a sociedade, assumindo o papel de crítico, fiscalizador e moralizador da vida social.

IMPRENSA PERIÓDICA NA CIDADE DO RIO GRANDE:
DOIS BREVES ESTUDOS DE CASO



Rio Grande, 1º de abril de 1888

O labor da imprensa foi sempre o alvo de nossas aspirações no meio do burburinho da vida social.

Não foi que a certeza de nossa inteligência tivesse jamais a fofa presunção de estender-se até horizontes atingíveis somente pelas radiosas luzes dos talentos jornalísticos; mas nunca pedimos, por mais que tentássemos cortar a impulsão ao caráter que a natureza imprimiu-nos na idade da reflexão, deixar de ceder à lei com que a mesma natureza obrigou-nos a uma indeclinável obediência.

A mutabilidade das circunstâncias que nos cercam no decorrer breve da existência, nos detêm muitas vezes no meio do comino que trilhamos, quer envoltos em flores que nos afagam e animam, quer maltratados por espinhos que abatem o vigor de nossa tenacidade.

Surpreendidos no lado contrário, sobrevieram-nos contingências que, tendo de levar-nos a um retiro inevitável, forçaram-nos à cessação da *Semana Ilustrada*, hebdomadário que teve o mais lisonjeiro acolhimento, pelos termos que soubemos observar tanto na parte ilustrada, como na literária.

Pouco longo foi, felizmente, o interstício a que fomos condenados.

Hoje, que se acham de todo afastados os obstáculos antepostos à nossa vontade, volvemos à vida passada, tomando de novo, e com passo firme e semblante sereno, a senda apontada pelo nosso fadário.

Bisturi chama-se o hebdomadário com que nos apresentamos ante a população civilizada da nobre cidade do Rio Grande, e temos muita confiança em que a sua visita não será repudiada, segundo o propósito inalterável em que estamos, de torná-lo agradável já na redação, guardados os princípios determinados pela urbanidade, ainda quando for mister o sermos um pouco pungentes na luta de coerção aos

IMPRENSA PERIÓDICA NA CIDADE DO RIO GRANDE:
DOIS BREVES ESTUDOS DE CASO

desvios que por vezes nos envergonham.

Não será um periódico que tenha a mais remota afinidade com um panfleto que por aí corre, servindo de tuba de rancores individuais, ocupando-se exclusivamente de três ou quatro personalidades, com linguagem chã e torpe de quem arrasta a vida irracional nos baixos do esterquilínio.

O *Bisturi* se empenhará na extirpação da lepra social, dos escândalos, da calúnia, de todos os vícios, enfim, sem que se lhe notem as invectivas livres e as alusões imorais que desedificam na prática do cometimento dos mútuos deveres da família social.

Nas linhas que aí ficam, está lavrada a profissão solene de nossa fé jornalística. Não tenha, pois, quem quer que seja, a mínima repugnância ao título de nosso pequeno periódico, que se esforçará por crescer, se porventura for favoniado pela criadora benevolência do povo rio-grandense.

Assim o esperamos.

Em outra coluna intitulada “Com todos”, o *Bisturi* anunciava uma estratégia de vendas largamente utilizada pelo periodismo de então – notadamente a pequena imprensa –, pela qual, a empresa jornalística distribuía antecipadamente seus exemplares em meio à população, de modo que considerava a todos como assinantes, pois, o indivíduo só deixaria de ser integrado ao rol de favorecedores da folha, caso assim se manifestasse e devolvesse o número recebido. Dessa maneira, a expectativa era a de que o possível assinante, caso não se interessasse propriamente pela aquisição do periódico, poderia também não querer dar-se ao trabalho da devolução, e, quase que por inércia, acabasse por assinar o semanário.

Com todos

A distribuição do mimoso (modéstia à parte) *Bisturi* é hoje feita indistintamente.

Considerando todos os cavalheiros a quem ele for entregue como pessoas de mais apurado gosto literário e artístico, não cometeremos a inqualificável grosseria de lhes suspender a nossa simpática folha hebdomadária, que tem por fim deleitá-los nas horas despreocupadas e chamar-lhes o sorriso nas horas tristes.

Se, todavia, ele for entregue a alguém que não se julgue distinto, nem tampouco tenha o gosto apurado pela literatura e pela arte, e que em má hora - se lembre de suspender a nossa folha, pedimos-lhes que tenham a bondade de nos comunicar tão dolorosa resolução a fim de darmos as precisas providências.

Estamos certos que tal não acontecerá, porque a distribuição de nossa folha ilustrada será feita escrupulosamente entre cidadãos de reconhecida circunspecção e incapazes de fazerem má figura.

E depois, estabelecemos um preço extremamente barato, de um mil réis mensalmente, o que importa em dizer-se que hoje não se *ilustra* quem não quer.

Um jornal nitidamente impresso, com quatro páginas, papel de primeira qualidade, um texto variado, cintilante, nervoso, delicado e fino, cheio de burlescas caricaturas, tudo isso junto por dez tostões! *cinco níqueis* de duzentos réis, cada um! É realmente ter grande amor pelas letras e pelas artes e arrojadamente cooperar para o progressivo desenvolvimento intelectual.

Assinar o *Bisturi* é quase necessidade, é o primeiro dever de um cidadão que se respeita e o mais gracioso ato de um bom pai de família.

Como nós estamos certos que todos pensaram, por

IMPRENSA PERIÓDICA NA CIDADE DO RIO GRANDE:
DOIS BREVES ESTUDOS DE CASO

isso lembramos-lhes que a nossa redação é à Rua Andrade Neves, n. 26 (que número simpático), onde os senhores pretendentes sem a menor cerimônia, podem dirigir os seus pedidos para serem tomados na devida consideração e registrados no competente livro dos – favorecedores.

É uma fineza que o gracioso *Bisturi* saberá em ocasião oportuna manifestar o seu agradecimento, em frases singelas, sem afetados requebros, sem escusados encarecimentos, como tudo o que vem do coração e é para o coração.

Não sei se se gostaram!...

A Redação

A prática da crítica social e de costumes já ficava evidenciada na primeira edição do *Bisturi*. Foi o caso da matéria denominada “Crueldade”, em que o periódico denunciava o assassinato de uma “infeliz mulatinha”, revelando detalhes do crime, bem de acordo com a sua prática de, em certos casos, tratar abertamente a ocorrência de mortes violentas. Além disso, o hebdomadário cobrava providências de parte das autoridades policiais para a apuração das prováveis criminosas, as quais teriam cometido aquela “atroz barbaridade que a moral nos manda calar” e garantia que não abandonaria tal assunto até que ele tivesse o fechamento esperado.

Crueldade

Falecera a dias na Santa Casa de Misericórdia uma infeliz mulatinha, vítima da mais requintada perversidade humana.

O caso é que duas crioulas, por fúteis pretextos de

ciúmes, quais feras bravias das selvas, agarraram traiçoeiramente a infeliz mulata que se achava grávida e a conduziram a uma casa de antemão preparada para pôr em prática as suas proezas e aí lhe amarraram os pulsos, lhe retalharam desumanamente o corpo e praticaram a mais atroz barbaridade que a moral nos manda calar, deixando a infeliz, moribunda, sendo transportada para a Santa Casa, onde acaba de falecer entre os mais atrozes sofrimentos.

É sabido a existência deste nefando crime e quem o praticou, mas, não há provas, e, portanto, as duas megeras ficaram impunes, tripudiando sobre o cadáver ainda quente da infeliz mulata vítima da mais requintada traição, da mais atroz vingança.

E assim continuaram em sua desenfreada carreira de crimes, contando sempre com a impunidade, desde que ninguém lhes peça conta das suas proezas sanguinárias. Calamitosa situação, todos dormem o sono da indiferença e de nada sabem, nem procuram saber.

O que faz o Sr. Juca Casto, delegado de polícia, que em uma coisas se mostra tão ativo e zeloso a ponto de cometer toda a sorte de tropelias e violências?

Procuraremos saber e voltaremos ao assunto.

As manifestações críticas do novel semanário voltaram-se igualmente aos seus colegas de imprensa. Em “Vai a quem toca”, carregando nas cores da ironia, atacava uma “folha muito carrancuda, muito religiosa e muito linda”, que seria “procurada pela abundância e importância dos seus monumentais escritos filosóficos, científicos, literários, políticos e noticiosos”. O semanário fazia uma alusão à publicação conservadora da cidade, o *Eco do Sul*, que viria a se tornar o seu principal adversário e alvo fundamental das investidas do periódico caricato, o qual destacava que o tal jornal tinha

IMPRENSA PERIÓDICA NA CIDADE DO RIO GRANDE:
DOIS BREVES ESTUDOS DE CASO

amplas dificuldades para obter assinantes, estando, portanto, às portas da morte. Já nas colunas “A Gazetinha” e “Agora eu”, com jocosidade tratava de um artigo escrito em outro diário rio-grandino, a *Gazeta Mercantil*, dando um tratamento propositadamente exagerado quanto ao impacto que tal escrito teria promovido junto à comuna portuária.

Vai a quem toca

Eu conheço um colega, palavra que não sei se lhe darei o nome do colega, mas já está escrito e lá vai, que apesar de ser uma folha muito carrancuda, muito religiosa e muito linda e procurada pela abundância e importância dos seus monumentais escritos filosóficos, científicos, literários, políticos e noticiosos, tem o fatalíssimo sestro de não saber impor-se ao apreço de seus *numerosos* leitores.

Assim é que, como uma coisa vulgar, sem cotação no mercado, sem préstimo algum é oferecida de porta, em porta, a quem mais der, em troca de qualquer insignificância, de uma dúzia de charutos furados, de uma vara de linguixa ou de um quilo de carne de vitela.

Horror!...

E é assim que se desmoraliza a imprensa, essa querida e adorada deusa, gentil transmissora do saber humano, tornando-a uma miserável mendiga a quem se dá agasalho, pão e água, por nos inspirar lástima e compaixão.

Não, não devemos de humilhá-la tanto, ela não merece uma existência tão cheia de vergonha e opróbios.

É muito mais justo, mais bonito, mais honroso e decente, recolherem a pobrezinha a um asilo de mendicidade, do que cruelmente expô-la ao ridículo público e a pedrada dos moleques malcriados.

Quem assim não pensará? A não ser uma alma

danada, desumana, um coração ulcerado, que tudo procura corromper e desmoralizar!

Se o favor público que lhes é dispensado, não é o suficiente para a sua manutenção, será preferível deixar a infeliz, com a santa resignação dos mártires, baixar o túmulo, a continuar arrastando uma vida tão cheia de ignomínias.

Morrer assim é morrer no seu posto de honra.

A Gazetinha

O que houve de mais importante durante essa semana finda, que a religião crismaria de *semana santa*, foi o importante artigo do Sr. Campos Júnior, publicado na pachorrenta *Gazetinha Mercantil* com o título de - AGORA EU.

A *Gazetinha* tirou seu ventre da miséria e andou de mão em mão, satisfazendo a curiosidade pública.

Até alta noite, o povo, cheio de ansiedade, tem afluído à sua redação, disputando a compra da *Gazetinha*.

Receia-se grande conflito, se em tempo a polícia não intervir para debandar o povo que se aglomera às portas da sua redação.

Aproveite colega, aproveite.

Agora eu

Começo desta vez recomendando a todos que se interessam pelos negócios públicos, a leitura do importante artigo publicado na *Gazeta Mercantil* e assinado pelo Sr. J. Gomes Campos Júnior.

Há muito tempo que não leio coisa que tanto me desse goto, palavra!

IMPRENSA PERIÓDICA NA CIDADE DO RIO GRANDE:
DOIS BREVES ESTUDOS DE CASO

Refere-se o Sr. Campos a despiadosa *vaia* de que fora alvo, pelos invejosos do seu grande talento, na assembleia geral da Companhia de Seguros Rio-Grandense.

O Sr. Campos Júnior não é nome novo entre nós; ao contrário, sua reputação de homem *talentoso* e *ilustrado* está por tal forma fundada que dispensa qualquer nova prova.

Por esse motivo é que também censuramos o procedimento da turba que o apedrejou, tolhendo a sua palavra eloquente e penetrante.

Felizmente, o Sr. Campos Júnior foi prudente, desistiu da palavra e sentou-se, "*ouvindo nova trovoada roncav ao longe, mas ficou, porque tinha bons condutores de raio.*"

Campos Júnior não é uma ilustração vulgar, pertence ao número desses altos espíritos que, infelizmente, não se reproduzem em todos os séculos.

É fado de quem nasceu para altos destinos estar exposto à irrisão da mediocridade.

As autoridades públicas não seriam esquecidas pelo *Bisturi* em seu número inaugural, tratando, em "Uma cascata", de uma iniciativa da municipalidade de instalar uma fonte de água em um dos logradouros municipais, com uma abordagem recheada de ironia e de hipérbole, ao colocar aquilo que denominou de "piramidal e assombrosa cascata" na qualidade de "uma das glórias da arquitetura brasileira". Já na seção "Telegrafices", na qual fingia a existência de "um serviço especial" para a obtenção de informações, o semanário não abandonava seu fundamento crítico ao trazer pequenos informes embasados em um enfoque zombeteiro e mordaz. Em tais "Telegrafices", os alvos das farpas do *Bisturi* eram mais uma vez o *Eco do Sul*, na figura de seu proprietário e redator; sacerdotes e

irmandades locais, acusadas de desvio de verbas, bem de acordo com o espírito anticlerical da folha; servidores públicos denunciados por descaminhos de verbas públicas; e um malsucedido interessado em ingressar na Guarda Nacional.

Uma cascata

Já viram? A elegante CASCATA que se está construindo à Praça da Geribanda, cercada de magníficas florestas, pedrarias e rios caudais, aves aquáticas, rebanhos e feras?...

Ali incontestavelmente está sepultado o gênio fecundo de uma cabeça humana, ali foram consumidas todas as sapiências da arquitetura!

Ninguém ali passa em silêncio, sem fitar espantado através das águas fosforescentes o amontoado informe de escombros dispersos caprichosamente nas profundidades do abismo.

Como reproduzir aquelas montanhas que parecem eternas, na sua audaciosa majestade de pedra, onde os pássaros alegremente gorjeiam à tarde, atestando a sua onisciência e grandeza.

Quando a geração futura escrever a história das maravilhas dos séculos, lembrar-se-á orgulhosa da nossa piramidal e assombrosa cascata, escrevendo o nome do seu autor nas suas douradas páginas, como uma das glórias da arquitetura brasileira.

Dr. Yodog

IMPRENSA PERIÓDICA NA CIDADE DO RIO GRANDE:
DOIS BREVES ESTUDOS DE CASO

**Telegrafices - Serviço Especial do Bisturi - Au Trocadero,
31**

Corre nos círculos bem informados que o Galo não canta há 8 dias em consequência do Alfredo ou o Melado, não se sabe ao certo, ter proibido a entrada de uma *verrina* contra o autor do *Corre por aí...* Corre mais, que a tal *verrina* foi escrita sob inspiração da Delfina que fazia questão de *quarto* pela sua publicação. A desmoralização do escritor das *Notas do dia* no grande *país* do *Delfinado* é enorme. Parece até que houve mandado de *despejo*.

- Ontem o Lins declarou que é o verdadeiro chefe do correio, pois que aquela repartição é propriedade do *Eco*. Espera-se a todo momento um rompimento de hostilidades entre Lins e Freitas, para saber-se quem tem *garrafas vazias*.

- Pessoa de alta significação nos centros religiosos diz que foi descoberto um grande *grilo* no Bomfim. Eis o caso:

Apesar do adiantamento do povo, ainda há muita gente que manda dizer missas por promessa, contratando-as, de preferência, com o vigário que parece ser o dono daquele *país*; ora, tendo este *grande* homem (nas orelhas e na esperteza) de dizer a missa do dia nas sextas-feiras, recebendo uma gratificação mensal, marca as ditas missas de promessa para os mesmos dias, comendo assim a *dois carrinhos*, isto é: pagando por uma só missa o Bonfim e o devoto.

- Espera-se uma *conflagração*, quando se dividir o *cobre* existente para as festas da Semana Santa.

Dizem que o Matias, que é moleque fino, pretende passar a perna ao vigário, mas, que este monstro de fealdade e usura trata de armar-se com o melhor quinhão. O que houver passarei pelo *cabo de polícia*.

- Um fato que vai dar que falar está para suceder.

Se se verificar que *pai Paulino tem olho* e que arranjou a escrivania para o compadre Leonídio, o Alfredo, que deixou a secretaria para filar aquele *bolo* da Mesa, declara-se republicano mudando a *cor* de órgão das *Notas*. Quem com certeza está *sem cor* é o Cardoso, porque o Sr. João Alfredo, para harmonizar o *bicho*, renomeará o Alfredinho para a saúde do porto.

- A Matilde, que é bem informada, afiança que o Zeca há nove anos que tem uma farda de oficial da Guarda Nacional, para o que der e vier; porém, que à vista de nada dar nem vir, resolveu apresentar-se ao coronel Abel Gomes, a fim de esperar melhores tempos.

Apesar da fonte de onde emanou esta notícia peço para ela toda reserva. Se a quiserem dar façam como o *Eco* costuma fazer com o *seu serviço especial...* do *Correio Mercantil*.

- Por hoje é tudo.

Dr. Bristol

Na edição inicial do *Bisturi*, era inaugurada uma tradição que marcaria a existência do periódico em manter uma seção voltada a temáticas categorizadas como literárias, vindo a apresentar “Visões”, com uma estória dramática, envolvendo morte e luto, bem ao gosto dos tons melancólicos que marcavam o fazer literário de então. O tom jocoso predominava até mesmo nos supostos “Anúncios” publicados pelo semanário ilustrado e humorístico, trazendo propagandas “dos serviços de um advogado muito hábil, muito módico nos seus preços, e muito honesto no seu proceder”, aparecendo também a propaganda de “casa funerária”, que contava com elogios de parte da redação. Já com alguma seriedade, o hebdomadário anunciava a

IMPRENSA PERIÓDICA NA CIDADE DO RIO GRANDE:
DOIS BREVES ESTUDOS DE CASO

prestação de serviços que poderiam ser executados pela “Tipografia e Litografia do *Bisturi*”, cujo significado vinculava-se a uma possível arrecadação extraordinária para a empresa.

Visões

Levaram-lhe o filhinho amortalhado nuns pedaços de seda branca, resto de seu vestido de noivado.

Ficou vazio o berço, vazio o quarto estreito, que parecia enorme à desolada mãe.

Desde que lhe morrera o esposo, não tivera a infeliz Marta um sorriso e, ao tomar nos braços o pequenino Gualter, retrato vivo do pai, pensava muita vez: Que veio fazer ao mundo esta criança?

Para que existe este entezinho?

Porque o não levou *ele* consigo?

Faz-me mal vê-lo sorrir, e o seu chorar enlouquece-me!

Uma noite admirou-se a desventurada de que o pequenito a não tivesse despertado com os seus gemidos desejosos do sei materno, sentou-se na cama e estendeu a mão para o berço: encontrou o rosto do filhinho e retirou-a rapidamente, dando um grito de horror.

Quis acender a vela, e o único fósforo que continha a caixa estava úmido e não deu luz... Então tomou nos braços a criancinha gélida e desacordada, e, às escuras, beijou-a sôfrega, chamando-a pelos ternos nomes... O inocente agonizava... Marta tentou fazê-lo pegar no peito turgido, mas aquela boquinha insensível estava cerrada e fria... bafejou-o... aqueceu-o... em vão... Gualter, o serafim de olhos negros e tristes, que ainda na véspera era a inveja de todas as mães, morria... morria sem ruído... sereno!

O que sofreu, na escuridão daquela eterna noite, a

pobre Marta!

De repente, dos lábios do filho, que ela unira aos seus, e que orvalhava com as suas ardentes lágrimas de mártir, saiu um suspiro trêmulo e longo, e aquele corpinho, formosíssimo e branco como a neve, estremeceu... Mais nada.

Quando Marta compreendeu-lhe que lhe morreria o filho, exclamou, levantando o cadáver nos braços, com um gesto de louca:

- Gustavo! aí tens teu filho, aí tens o que me restava de ti; leva-o!

Numa réstea de luz, que passava pela fresta da janela, viu ela então o marido, envolvido num comprido manto branco, e ouviu-o distintamente dizer-lhe, com a doce voz com que lhe falava de amor outrora:

- Dá-me. Vim buscá-lo porque assim me pedias sempre. Ele é agora meu só; assistiremos juntos às tuas saudades. Adeus!

Marta desmaiara; quando lhe voltou a vida, era dia e achou-se só, na cama em desalinho, tendo o corpo do pequenino atravessado sobre o seu peito entumecido.

Deitou-o no berço e foi cambaleando abrir a janela por onde entrou o sol, que inundou o quarto em desordem.

Vestiu-se à pressa e desceu, do sótão em que morava, à casa da proprietária, a madrinha da criança morta. A comadre Rita subiu-, contemplou o afilhado longamente, beijou-lhe a fronte e disse:

(Continua)

Anúncios

Quem precisar dos serviços de um advogado muito hábil, muito módico nos seus preços, e muito honesto no seu

IMPRENSA PERIÓDICA NA CIDADE DO RIO GRANDE:
DOIS BREVES ESTUDOS DE CASO

proceder, dirijam-se à Rua General Osório, nº. ____

Para seu proveito e glória, e glória sim, está graciosamente tratando de duas questões crime, em que espera obter um grande triunfo, empregando toda a sua esplêndida, fecunda, e riquíssima sapiência jurídica.

Prepara-se uma grande ovação, uma verdadeira *ovadela* ao ilustre *sábio* sergipano.

Fazem parte da pomposa manifestação popular, um *Lagarto* e um *Pinto*, que ao toque de realejo e ao estrugir de uma caixa de *traques* cantará a porta do mão *pelada*, umas modinhas fabricadas pelo grande vate – *Boas noites meu pai eu vou dormir*.

Nos *Pombalinos*, ainda existe um resto de bilhetes à venda.

O programa da festa será distribuído com profusão, por um capitão *jesuíta*.

Casa funerária

Com a firma social de Emílio Gonçalves & Cia. acaba de abrir nesta cidade no estrito estabelecimento – *Torrador* uma casa funerária de propriedade de aqueles gentilíssimos cavalheiros.

O novo estabelecimento está caprichosamente montado, com um sortimento do que há de elegante e moderno vindo diretamente da Europa.

Realmente, visitamos o novo estabelecimento e tivemos ocasião de admirar pela vez primeira, um sortimento simplesmente deslumbrante e maravilhoso.

Ao público recomendamos o novo estabelecimento.

Nesta oficina apronta-se com toda a brevidade, nitidez e modicidade em preço todo e qualquer trabalho litográfico, como sejam: notas em fantasia, letras, conhecimentos, cartões de visitas, convites para baile, participações de casamentos, registros e todo o trabalho concernente a sua arte, garantindo não ter competidor nesta cidade, quer em preço, quer em trabalho.

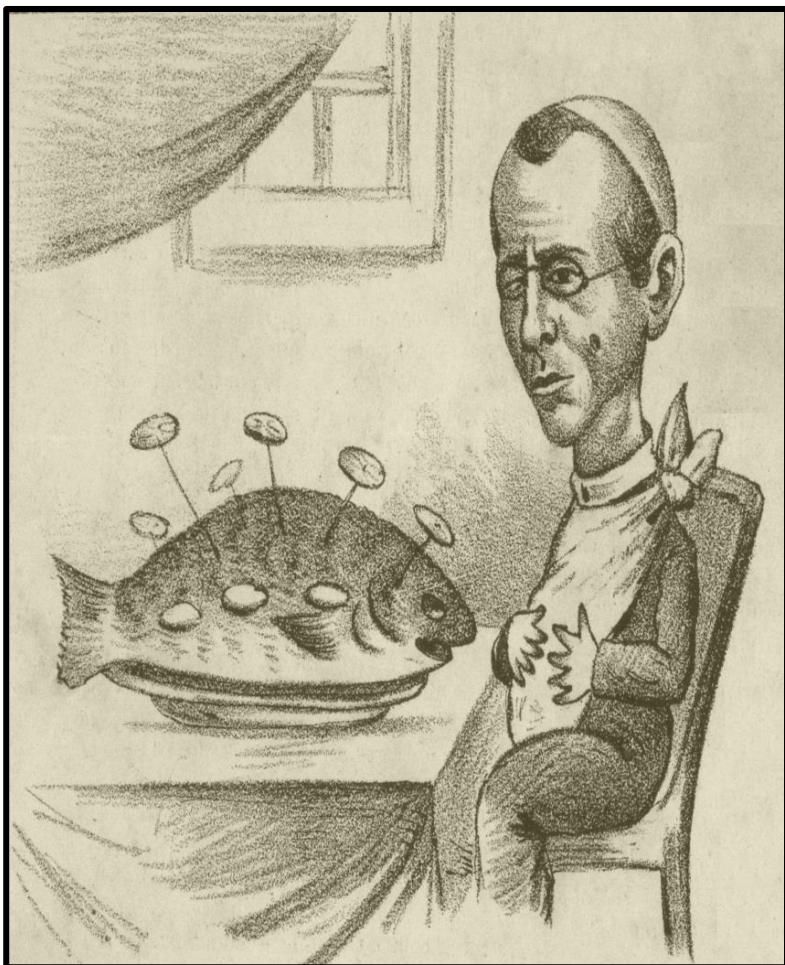
Rua Andrade Neves, nº 26 – sobrado.

Tipografia e Litografia do *Bisturi*

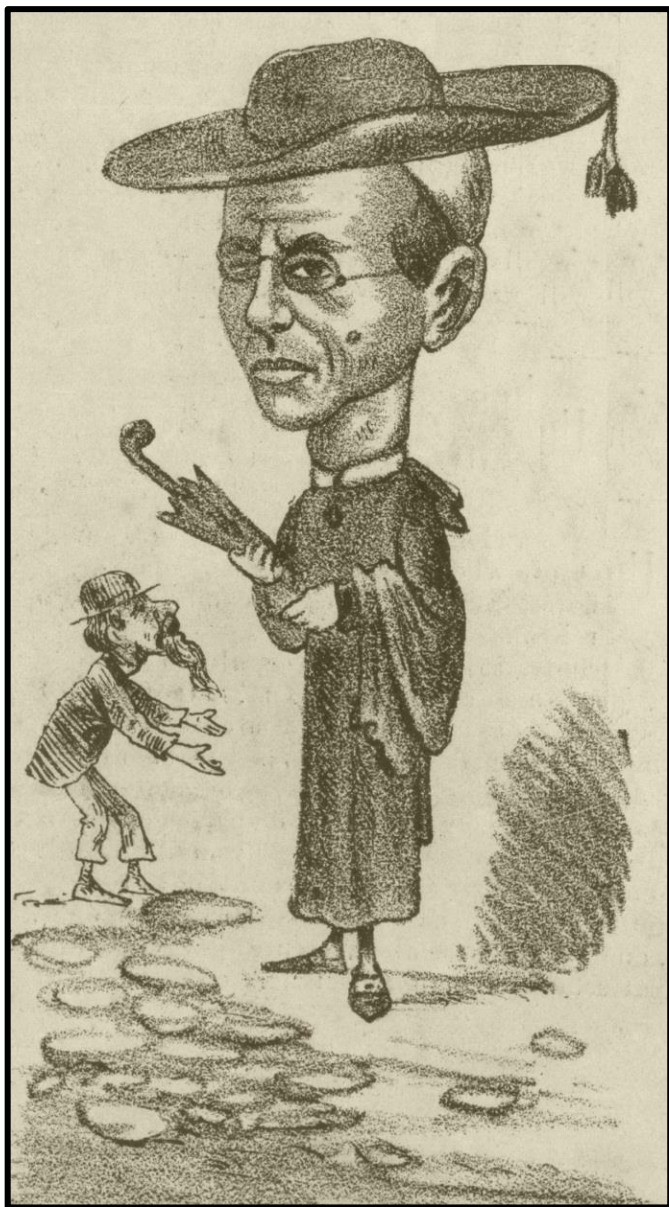
Na parte ilustrada de seu primeiro número, o *Bisturi* trazia a sua versão caricatural para os episódios da semana santa de 1888. O conteúdo anticlerical, que se tornaria uma das suas marcas registradas, ficava expresso no conjunto de caricaturas, ao retratar um padre que, em plena época de jejum, deliciava-se com um “suculento manjar”, ao passo que em outro desenho, desdenhava de um fiel, revelando a primazia dos ganhos financeiros em meio aos interesses do sacerdote. O próprio Thadio aparecia, reclamando de que os “bons cristãos” deveriam jejuar, abrindo mão, por exemplo, de “toda a carne de porco”. Em época de circunspecção, a folha mostrava as mulheres, com seus “olhares sedutores”, como uma “tentação” difícil de resistir. Ainda quanto à religiosidade, apontava para um membro de uma irmandade, descrito como “ilustre irmão do santíssimo”, que não abriria mão do status que sua posição lhe conferia. Os adversários da imprensa rio-grandina eram outros personagens caricaturados, um deles transformado em um desajeitado, mas chamado de “galante e apreciado anjinho de procissão” e outros

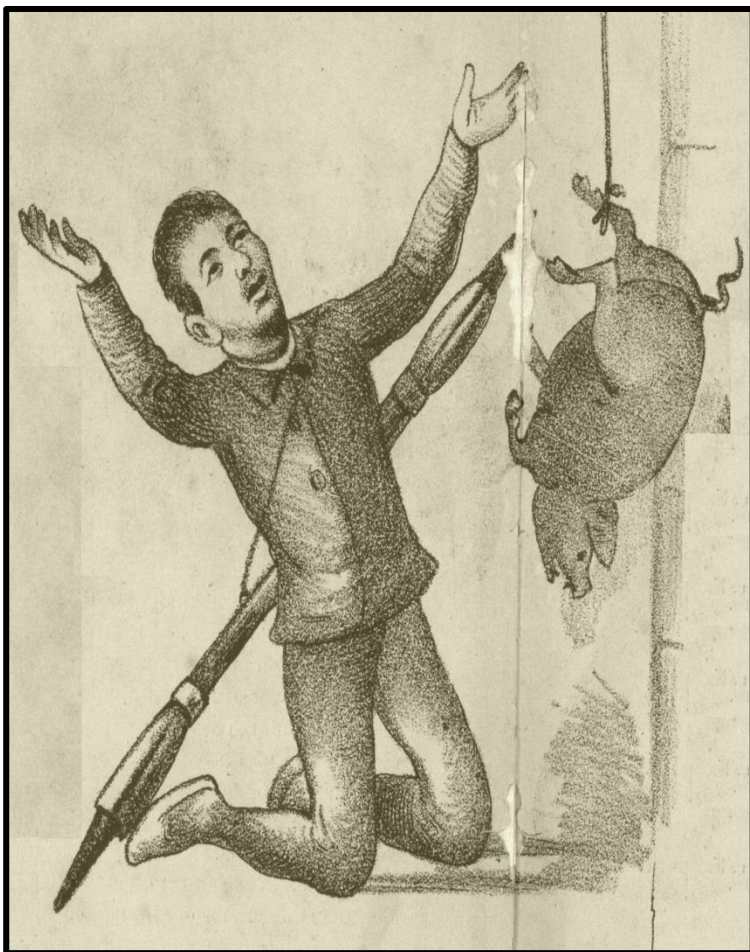
IMPrensa PERIÓDICA NA CIDADE DO RIO GRANDE: DOIS BREVES ESTUDOS DE CASO

metamorfoseados em sapos, que, nas poças advindas de uma “maldita chuva”, formavam “o coro de aduladores da situação”, revelando o apoio do *Eco do Sul* ao governo conservador. A última caricatura do conjunto trazia o encontro de Amorim, em outro autorretrato, com o Zé-Povinho, representação da população brasileira, o qual era conclamado a se dignar a “aceitar o nosso humorístico, satírico e pândego *Bisturi*”. Já na última página aparecia mais uma sequência caricatural, mostrando as críticas que outro diário rio-grandino, o *Artista*, destinara ao carcereiro da prisão local, buscando a, figurativamente, civilizar a sua conduta, ao dar-lhe um banho, esfregá-lo com escova, fazer-lhe a barba e dando-lhe novas vestimentas, para transformá-lo praticamente em outra pessoa, chegando a ser estranhado por sua própria família.



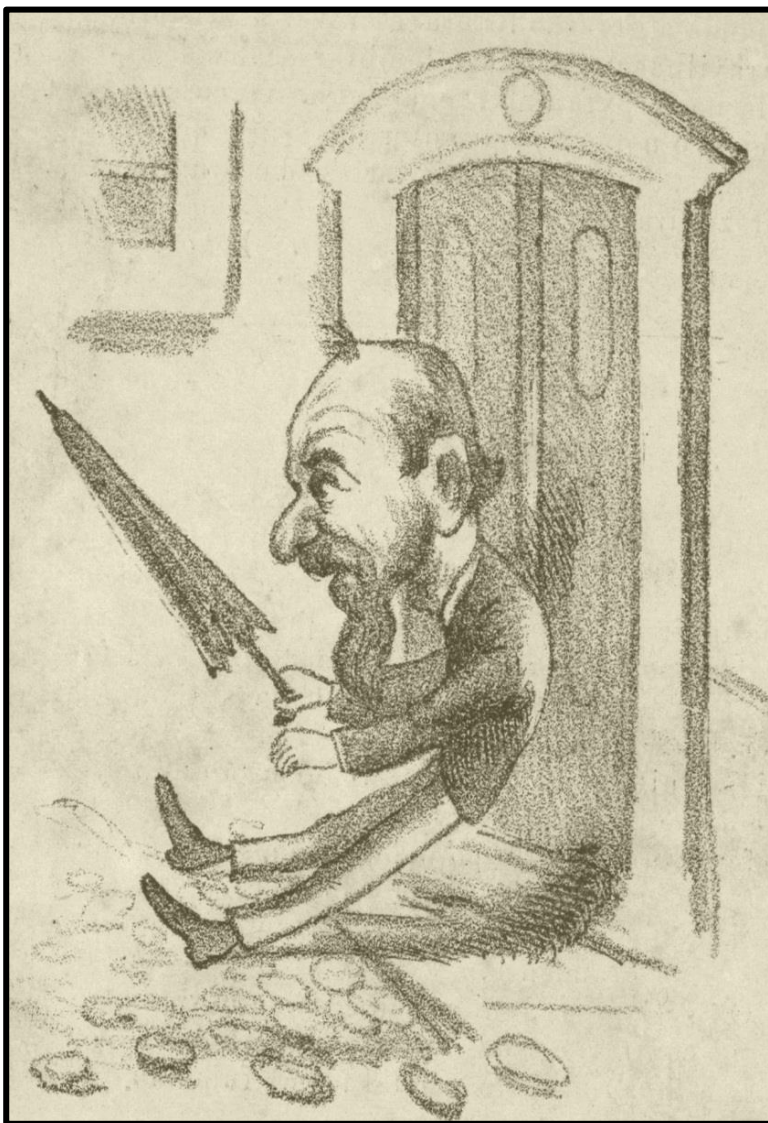
IMPrensa PERIÓDICA NA CIDADE DO RIO GRANDE:
DOIS BREVES ESTUDOS DE CASO



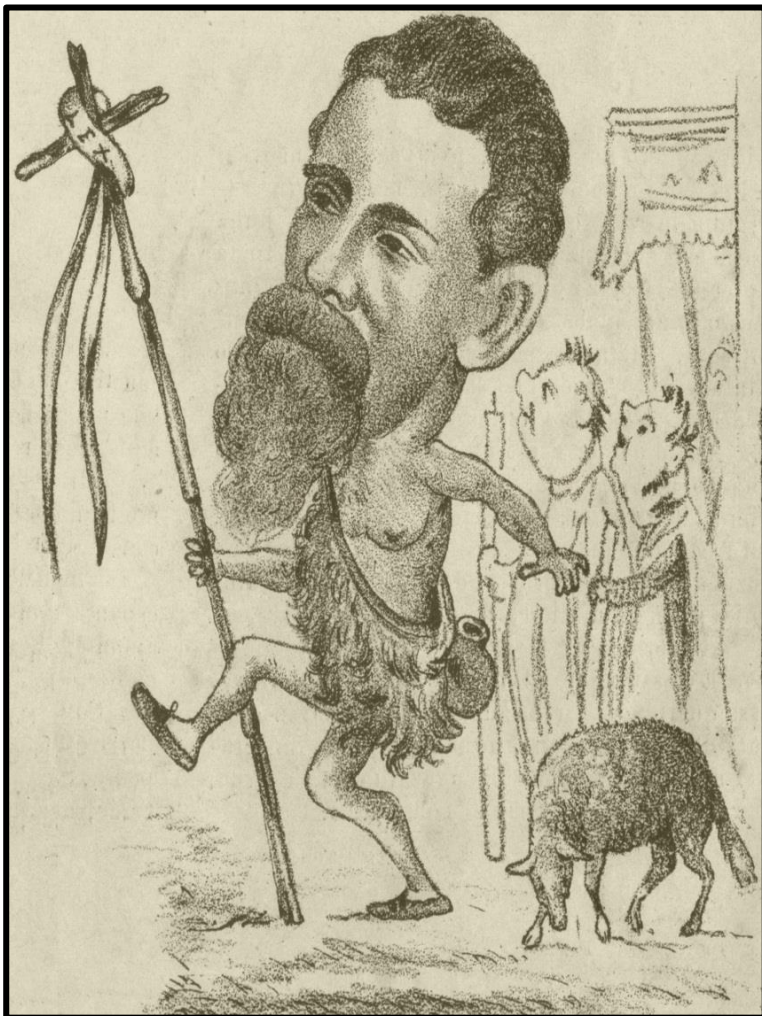


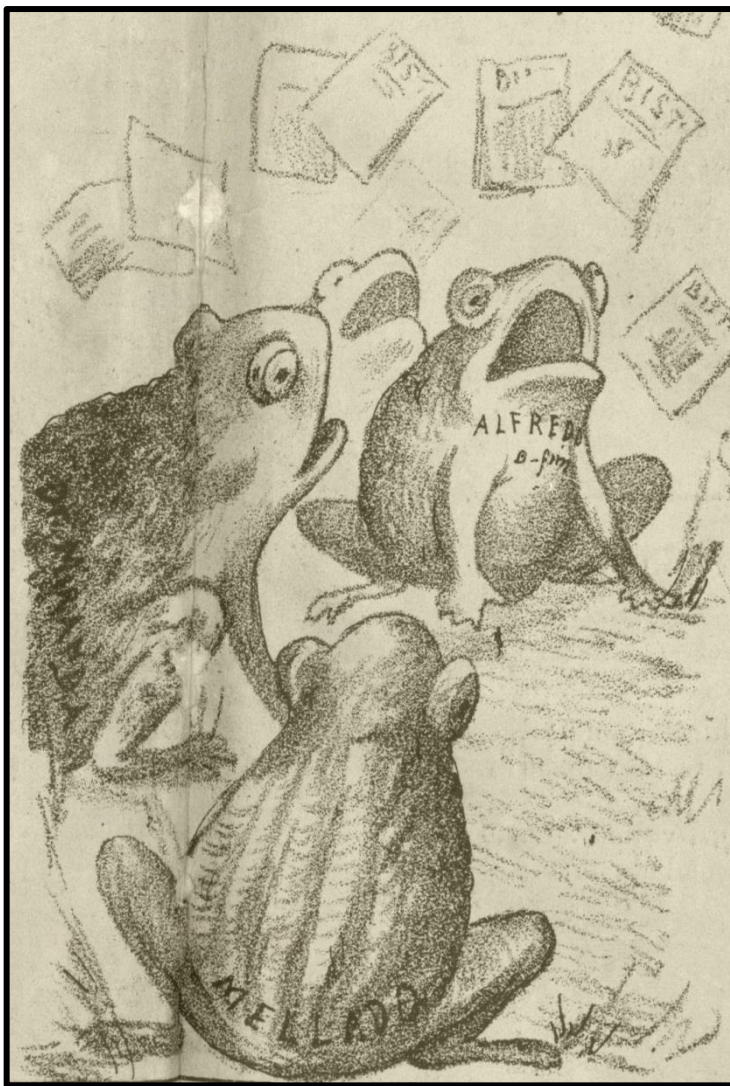
IMPrensa PERIÓDICA NA CIDADE DO RIO GRANDE:
DOIS BREVES ESTUDOS DE CASO



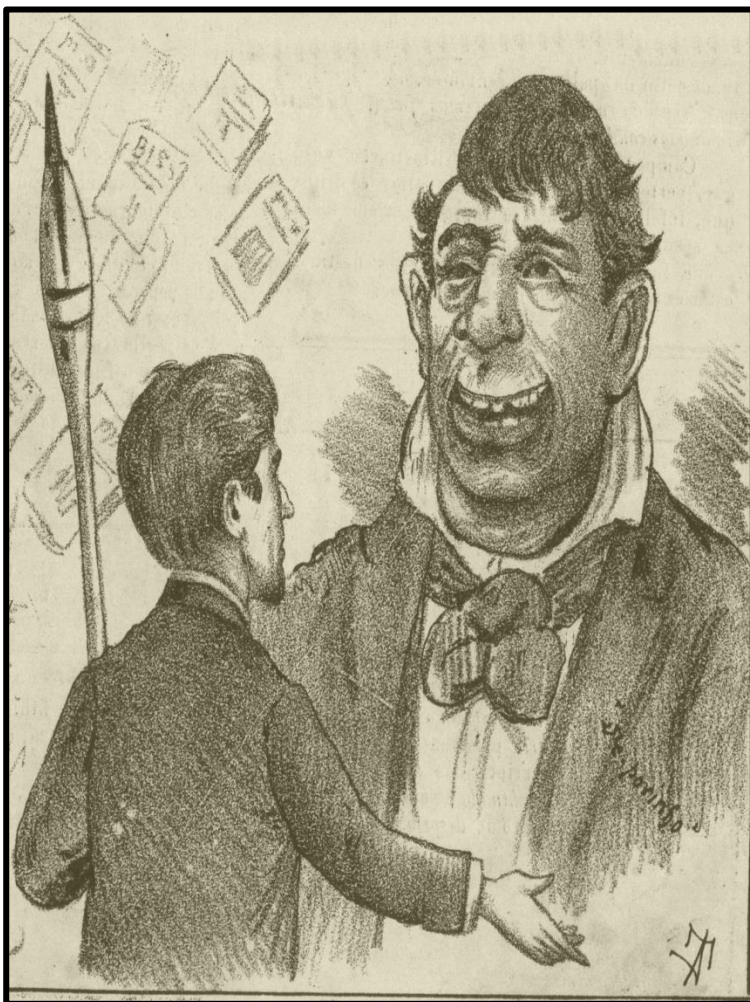


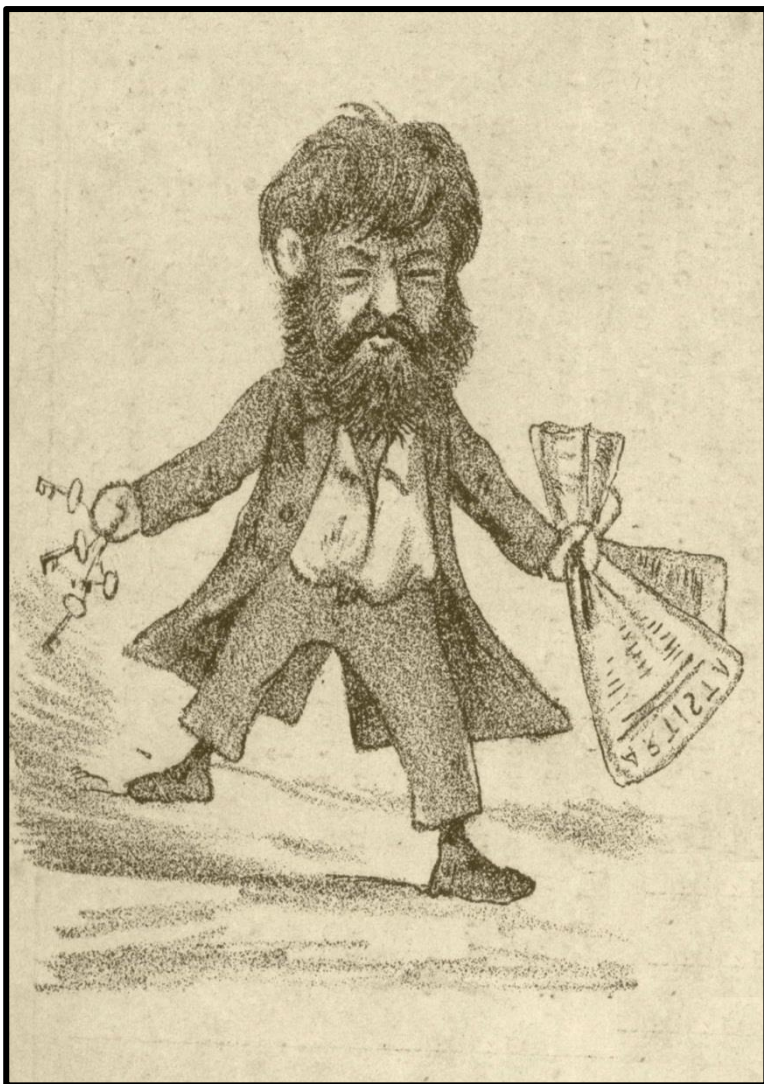
IMPRENSA PERIÓDICA NA CIDADE DO RIO GRANDE:
DOIS BREVES ESTUDOS DE CASO



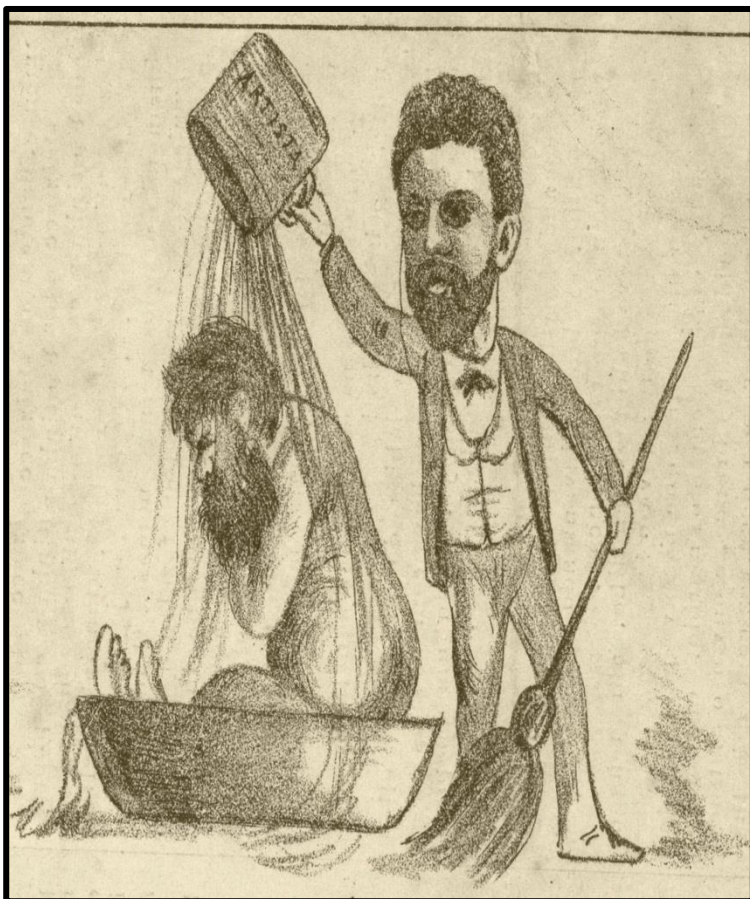


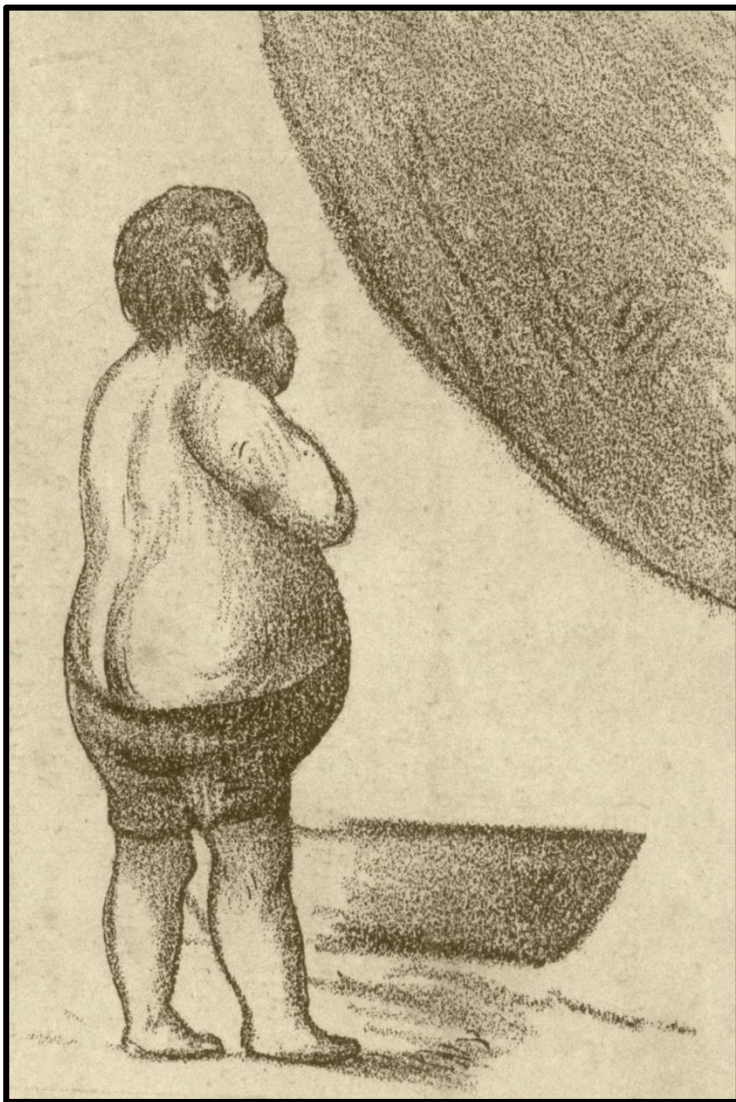
IMPRENSA PERIÓDICA NA CIDADE DO RIO GRANDE:
DOIS BREVES ESTUDOS DE CASO



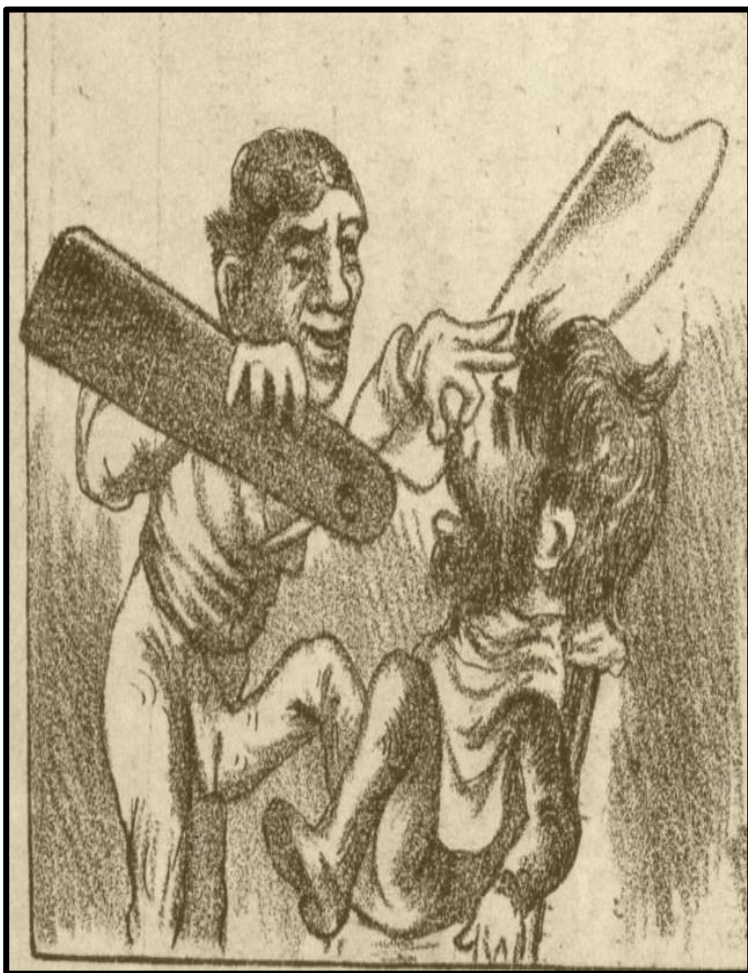


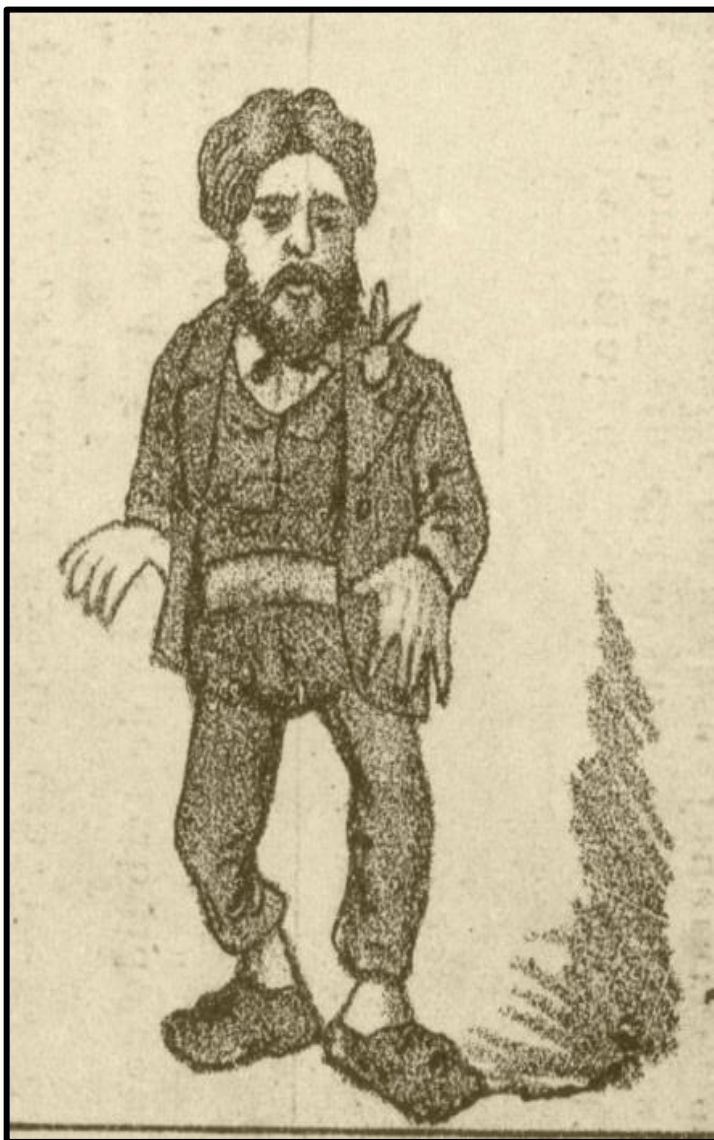
IMPrensa PERIÓDICA NA CIDADE DO RIO GRANDE:
DOIS BREVES ESTUDOS DE CASO





IMPrensa PERIÓDICA NA CIDADE DO RIO GRANDE:
DOIS BREVES ESTUDOS DE CASO





IMPRENSA PERIÓDICA NA CIDADE DO RIO GRANDE:
DOIS BREVES ESTUDOS DE CASO



A chegada do *Bisturi* gerou repercussões no seio da imprensa rio-grandina, notadamente no que tange aos periódicos diários. Em meio a tais representantes do jornalismo estava o *Artista*, folha articulada com o ideário liberal e que chegou a ter um estilo dogmático em termos partidários em suas edições. Outra dessas publicações era o *Diário do Rio Grande*, naquele momento também trazendo certa proximidade com os liberais, mas buscando fazer prevalecer uma suposta predominância de um propalado caráter noticioso. O outro diário rio-grandino era o *Eco do Sul*, profundamente vinculado com os conservadores, chegando a constituir um órgão partidário.

Ao divulgar o primeiro número do novo semanário caricato rio-grandino, o *Artista* revelou certa simpatia para com o recém-chegado:

Bisturi

Com este título apareceu ontem o primeiro número de um hebdomadário ilustrado, crítico e humorístico, de que é proprietário e redator o Sr. Thadio de Amorim.

Em seu artigo-programa diz:

“O *Bisturi* se empenhará na extirpação da lepra social, dos escândalos, da calúnia, de todos os vícios, enfim, sem que se lhe notem as invectivas livres e as alusões imorais que desedificam na prática do comedimento dos mútuos deveres da família social.”

A parte ilustrada é bem cuidada e o texto variado e interessante.

Longa vida desejamos ao *Bisturi*.¹⁰

Já o *Diário do Rio Grande* assumiu uma postura protocolar, ao anunciar o *Bisturi*, chegando a tecer alguns elogios, além de manifestar o desejo de que a nova folha não ingressasse nos caminhos da pasquinagem:

Foi anteontem distribuído o 1º número de um periódico semanal ilustrado, de propriedade e direção do Sr. Thadio Amorim.

A parte ilustrada, artisticamente falando, está boa e o texto variado e em estilo humorístico está escoimado do ataque brutal às individualidades e

¹⁰ ARTISTA. Rio Grande, 2 abr. 1888, p. 1.

IMPRENSA PERIÓDICA NA CIDADE DO RIO GRANDE: DOIS BREVES ESTUDOS DE CASO

do desregramento de linguagem que tanto depõe contra certos jornais desse gênero.

Que o *Bisturi* não incorra na mesma falta e que o favor público o auxilie em sua carreira, é o que lhe desejamos.¹¹

A respeito do periódico ilustrado fundado em abril de 1888, o *Eco do Sul* publicou uma breve nota que, apesar de curta, trazia uma série de informações que serviam para atacar o adversário liberal *Artista*, buscando supostamente desmascarar os possíveis responsáveis pela nova edição:

Foi anteontem distribuído na cidade um novo periódico caricato intitulado *Bisturi*, que é impresso nas oficinas tipográficas de um jornal desta cidade.

É redigido pelo redator do *Artista*, e a publicação é feita, segundo consta, sob a proteção do Sr. Dr. J. D. de Almeida Pires.¹²

Estava desencadeada a discórdia, pois, em resposta, o *Artista* publicou manifestação de seu redator que, sob o título de “Pela verdade”, negava peremptoriamente sua participação no *Bisturi*:

Pela verdade

Não sei, nem quero indagar, que móveis impeliram o *Eco do Sul* a declarar hoje, noticiando o aparecimento do *Bisturi*, que esse periódico é redigido por mim.

¹¹ DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 3 abr. 1888, p. 2.

¹² ECO DO SUL. Rio Grande, 3 abr. 1888, p. 2.

Com certeza, porém, o contemporâneo, apresentando-me ao público com semelhante encargo, visa ocultamente a algum fim.

Seja como for, cumpre-me declarar, em satisfação à minha consciência e por amor da verdade, que nada tenho absolutamente com o *Bisturi*; que o número desse periódico já publicado não contém uma linha sequer de minha lavra, e que naturalmente jamais para ele escreverei, por isso que o tempo mal me chega para cumprir os árduos deveres que me impõe a posição que ocupo na redação do *Artista*.

Estou certo de que o próprio que forjou a notícia que provoca estas linhas está convencido de que nada escrevi para o 1º número do novo hebdomadário, pois que, como eu, trabalha há 7 anos, dia por dia, hora por ora, para a imprensa do Rio Grande, chega por fim, para com os que costumam ler os seus artigos, à perfeição de não carecer de assiná-los para que se saiba quem os escreveu.

Em conclusão: não sou redator, nem colaborador, nem coisa que o valha, do *Bisturi*, e se fosse teria a precisa coragem para confessá-lo, assumindo todas as responsabilidades que daí pudessem decorrer.

Artur Rocha¹³

Com o artigo “A intriga em ação”, o *Artista* divulgava também o escrito de autoria de Almeida Pires, rechaçando as implicações apontadas pelo *Eco*:

¹³ ARTISTA. Rio Grande, 3 abr. 1888, p. 1.

IMPRENSA PERIÓDICA NA CIDADE DO RIO GRANDE: DOIS BREVES ESTUDOS DE CASO

A intriga em ação

O nosso ilustre amigo Sr. Dr. José Dias de Almeida Pires dirigiu-nos as seguintes linhas.

Meus amigos.

Em uma notícia que hoje dá o *Eco do Sul* sobre o aparecimento de um periódico ilustrado de propriedade do Sr. Thadio de Amorim, lê-se [a indicação de que a publicação era feita] sob a proteção do Sr. Dr. J. D. de Almeida Pires.

Somente em satisfação ao público, cuja confiança e bom conceito importa-me conquistar e manter, venho declarar que o *consta* do *Eco* não passa de uma revoltante falsidade, forjada por inimigos meus que – felizmente para mim – só da intriga e da calúnia se prevalecem para tentar ferir-me em minha reputação e créditos.

Nada tenho de comum com o *Bisturi* e nem o tempo me sobra dos afanosos deveres de minha profissão para que eu possa consagrá-lo à proteção de empresas jornalísticas.

Além disso, sou por hábito e temperamento avesso a questões de imprensa, principalmente quando delas não resulta benefício real e direto para a sociedade.

Quanto ao *Eco do Sul*, pode continuar a servir-se do meu nome para as repugnantes intrigas em que, por espírito de ódio e de vingança, costuma envolvê-lo.

O jornal que se converte em escoadouro de paixões pessoais e inconfessáveis não dá nem tira méritos aos homens honestos.

É a única resposta que tenho a dar ao *Eco*.

Publicando estas linhas, V. V. muito obrigarão.

O amigo certo

Dr. Almeida Pires
3 de abril de 1888.¹⁴

Em seguida, o *Artista* passava a discorrer sobre o tema, tecendo severas críticas para com o comportamento do *Eco do Sul*. O diário reforçava a asserção de que não tinha nenhuma ligação com o *Bisturi* e denunciava que este não seria o mesmo comportamento do *Eco*, acusando-o de sustentar uma outra publicação satírica editada no Rio Grande, intitulada *Comédia Social*, que inicialmente atuou como ilustrada, trazendo caricaturas em suas páginas, para, posteriormente, abandonar as ilustrações, tornando-se “literária”, sem deixar de lado a prática da sátira.

Publicando, com suma satisfação, a carta supra, aproveita o *Artista* da oportunidade para varrer a sua testada da insidiosa insinuação que o *Eco* atira ao público, quando afirma que o *Bisturi* é impresso numa tipografia desta cidade, asserção esta que, confrontada com a declaração de que o nosso companheiro Artur Rocha é quem redige esse periódico e o honrado Sr. Dr. Almeida Pires quem o protege, faz crer ao menos atilado que o *Bisturi* é impresso em nossas oficinas.

O único jornal que imprimimos é o nosso, e de uma vez por todas declaramos que não nos encarregaremos de imprimir outro qualquer, por maiores vantagens que nos ofereçam os interessados.

Temos – mercê de Deus – bastante trabalho e obras mensais obrigatórias que nos deixam compensador interesse, para que precisemos

¹⁴ ARTISTA. Rio Grande, 3 abr. 1888, p. 2.

IMPRENSA PERIÓDICA NA CIDADE DO RIO GRANDE: DOIS BREVES ESTUDOS DE CASO

apanhar avidamente, sem exame e sem escrúpulo, a primeira migalha que nos apareça.

De resto, sabemos por pessoa fidedigna que o *Bisturi* não é impresso nesta cidade, e qualquer pessoa, medianamente entendida em negócios tipográficos, poderá – pelo simples exame do tipo empregado na composição do texto – verificar, não só que o trabalho não foi feito nesta cidade, como que foi feito em tal ou qual oficina de tal ou qual parte.

O *Eco*, escrevendo o que escreveu, faltou conscientemente à verdade para obedecer a um plano oculto.

Há muitos dias já tínhamos sido informados de que o Sr. Alfredo Rodrigues de Oliveira propalava por toda a parte que o *Bisturi* estava sendo impresso nas oficinas do *Artista*.

O plano era este:

Sendo geralmente sabido que na tipografia do *Eco* é impressa a folha pornográfica que se intitula *Comédia Social*; que o Sr. Alfredo Oliveira dispensa a essa folha toda a sua proteção, porque dela se serve para injuriar e deprimir, entre outros, o Sr. Dr. Almeida Pires, de quem é encarniçado inimigo; que o redator do *Eco* para ela escreve *triolés* insultuosos e artigos desabridos; convinha-lhes disfarçar a torpeza de seu procedimento, atribuindo ao mesmo Sr. Dr. Pires, ao *Artista* e ao seu redator igual procedimento em relação ao *Bisturi*.

E assim poderiam dizer depois: – Se é certo que nós descemos até o baixo e nojoso nível em que a *Comédia* espoja os seus e os ódios de terceiros, também é verdade que vós outros baixastes até onde o *Bisturi* veio assentar a sua tenda.

Enganaram-se, porém, no plano preconcebido; porque nem só não conseguiram convencer o público de que haja alguma coisa de comum entre nós e o jornal do Sr. Thadio de Amorim, como este Sr. pôs empenho em desmentir completamente os vaticínios daqueles que esperavam que o *Bisturi* excedesse a *Comédia* na virulência da linguagem e na ignóbil exploração da injúria e da calúnia.

Ficam, pois, o *Eco do Sul*, o seu redator e o Sr. Alfredo Oliveira sem escusa aceitável para a escandalosa proteção e auxílio que prestam a uma folha que envergonha a imprensa e a civilização, mas que o mesmo *Eco* não se peja de chamar colega, certamente por motivos de consciência, que muito respeitamos.¹⁵

Em resposta, o *Eco do Sul* publicou o artigo “Quem se pica alhos, come...”, considerando que o *Artista* fora exagerado em suas reações:

Quem se pica alhos, come...

O espalhafato que o *Artista* ontem fez por causa da notícia relativa ao *Bisturi* sugeriu-nos a epígrafe de que nos servimos.

Se realmente esse jornaleco, criado exclusivamente para o insulto e a exploração do escândalo, não é impresso no *Artista*, nem redigido pelo redator dessa folha; se o Sr. Dr. Almeida Pires não lhe presta alentos com a sua influência *clínico-eleitoral* – era coisa simples e expedita dizer, por exemplo: o *Eco* foi mal informado, se não preferissem afirmar que *mentíramos*.

¹⁵ ARTISTA. Rio Grande, 3 abr. 1888, p. 2.

IMPRENSA PERIÓDICA NA CIDADE DO RIO GRANDE: DOIS BREVES ESTUDOS DE CASO

Esse processo fácil dispensava o redator do *Artista* de firmar uma declaração de meia coluna e de escrever a carta que o Sr. Dr. Pires subscreveu.

O aparato com que o desmentido saiu à luz, porém, leva-nos a crer que quando a nossa notícia não seja exata *in totum* o é *in partibus*; e essa parte corre a cargo da consciência do *interessado*...

Quando o rio soa, água leva...

Ficamos, pois, cientes de que o *Bisturi* não é impresso nesta cidade (onde o será, com os diabos?!), nem para ele escreve o redator do *Artista*.

Quanto aos mais, é preciso esperar; não basta que o Sr. Dr. Pires finja execrar o pasquim ao qual soprou os primeiros alentos *áureos* para que acreditemos no que subscreveu.¹⁶

No que tange à *Comédia Social*, o *Eco* argumentava que “o público terá compreendido que as arguições que o *Artista* nos fez não passam de uma represália aconselhada pelo despeito”. Apontava que, “se a *Comédia Social* fosse impressa nas oficinas tipográficas do *Eco do Sul*, não teria interrompido a sua publicação, quando lhe *mudaram* os tipos” e o restante “material de impressão para lugar, se não mais seguro, ao menos *mais escuro*”. Garantia que “o redator do *Eco* nunca escreveu uma linha sequer, nem jamais escreverá para tal folha”, fosse “porque não lhe sobra tempo para isso”, fosse “porque não tem, felizmente, ódios pessoais a cevar” e, mesmo que “os tivesse dar-lhes-ia expansão nas colunas em que diariamente se exhibe”. Também asseverava que

¹⁶ ECO DO SUL. Rio Grande, 4 abr. 1888, p. 2.

poderia afiançar que o dono do *Eco do Sul* “nada tem com a *Comédia Social* e jamais inspirou ao seu proprietário a ideia de atacar a quem quer que seja”, de modo que, “quando lhe for necessário fazer armas contra os ataques *indiretos* dos seus inimigos tem duas páginas inteiras do *Eco* à sua disposição”¹⁷.

Em conclusão, a redação do *Eco* voltava a se referir à novel publicação ilustrado-humorística:

O proprietário do *Bisturi* está no seu direito de viver e de aproveitar os auxílios dos seus amigos; a responsabilidade do que possa suceder, dos conflitos que aquele elemento de perturbação social possa provocar, não cabe nem a ele proprietário, nem a quem escrever os insultos e as infâmias, mas a quem instigou o primeiro a publicar o pasquim e a quem cometer o erro de assiná-lo.

Eis tudo.¹⁸

Revelando o profundo conflito discursivo que marcava as relações entre os dois periódicos, um liberal e o outro conservador, o *Artista* dava continuidade ao debate, com o artigo “O adversário ‘descobre-se’”, demarcando sua postura oposicionista para com o *Eco*:

O adversário “descobre-se”

Nem com o ter de portas a dentro alguém que anda, há bastante tempo já, aprendendo esgrima no Clube *Novais* e que, segundo consta, tem mostrado felizes disposições para espadachim, consegue o *Eco* bater-se em combate singular,

¹⁷ ECO DO SUL. Rio Grande, 4 abr. 1888, p. 2.

¹⁸ ECO DO SUL. Rio Grande, 4 abr. 1888, p. 2.

IMPRENSA PERIÓDICA NA CIDADE DO RIO GRANDE: DOIS BREVES ESTUDOS DE CASO

sem *descobrir-se* ineptamente, expondo-se aos golpes mortais do adversário.

É assim que nas palavras que hoje escreveu a respeito do *Bisturi* e seus supostos redatores e protetores, deixa claramente ver quais os intuítos com que forjou ontem a pequenina intriga a que opusemos solene e enérgico desmentido.

O alvo a que o *Eco* procurou principalmente atingir foi o nosso honrado amigo Sr. Dr. Almeida Pires, o que prova que tínhamos razão quando ontem afirmamos que o que falava pela boca dessa folha era o ódio pessoal, era o desejo cego de vingança de alguém que, apesar de ter *duas páginas inteiras do Eco à sua disposição* para descompor e injuriar aqueles de quem se faz inimigo, ainda pede recurso – para completa satisfação desse empenho – às folhas pornográficas e pasquins da pior espécie.

Se o *Eco* já admite que o *Bisturi* não é impresso em nossas oficinas, que não é redigido pelo nosso companheiro Artur Rocha (o que aliás ontem afirmou positivamente); porque razão recusa crédito à palavra do Sr. Dr. Almeida Pires, se não porque é principalmente a ele que visa a molestar e ferir?

Quem assim procede não tem direitos a ser acreditado quando afirma que o Sr. Alfredo de Oliveira nada tem com a *Comédia Social*, que o *Eco* não a imprime em suas oficinas e que o redator do mesmo *Eco* nunca para ela escreveu.

E tanto menos se pode crer em semelhantes afirmativas quanto é certo que desde muito tempo não se distribui número algum da *Comédia*, sem que previamente o Sr. Alfredo verifique se está no *tom*; sendo público e notório que S. Mcê.

ofereceu a uma tipografia 60\$ para não imprimir o jornal do Sr. Thadio.

A escusa alegada pelo *Eco* de que – “se a *Comédia Social* fosse impressa em suas oficinas tipográficas não teria interrompido a sua publicação” –, é formulada para aqueles que ignoram que tal interrupção durou apenas o tempo necessário para desempastelar o tipo que o Sr. Pinto Monteiro diz ser de sua propriedade e que o Sr. Thadio de Amorim, por sua parte, garante pertencer-lhe muito legitimamente.

O que o *Eco* faz é imprimir (*imprimir*, veja-se bem) as páginas que são compostas em casa do Sr. Pinto Monteiro.

Se pega a moda, introduzida agora pelo órgão conservador, de atribuir a gente aos seus inimigos quanta infâmia o ódio posa sugerir, embora para isso se não tenha fundamento nem razão aceitável, ninguém está livre de ver-se publicamente acusado, quando menos o espero, dos mais repugnantes crimes e desprezíveis ações.¹⁹

Visando a dar um encerramento à discussão, o *Artista* buscava trazer a palavra final em relação ao debate com o jornal ao qual se opunha:

Em conclusão: quiséramos saber por que é que o *Eco* – que é todo blandícias, condescendências e *rapapés com a Comédia Social*, que, no gênero *pasquim*, realiza o tipo da perfeição – acende-se em fúrias terrificantes contra o *Bisturi*, do qual apenas o 1º número está publicado e que não só promete manter-se sempre em terreno elevado e

¹⁹ ARTISTA. Rio Grande, 4 abr. 1888, p. 1.

IMPRENSA PERIÓDICA NA CIDADE DO RIO GRANDE: DOIS BREVES ESTUDOS DE CASO

decente como não deu ainda motivos para supor-se que tenha sido *exclusivamente criado para o insulto e a exploração do escândalo?!*

Se o que faz com que o *Eco* rompa tão desabridamente contra a folha do Sr. Thadio é o horror que lhe inspiram os jornais que vivem da difamação e da exploração do escândalo, como se explica que receba com toda a deferência, e chame até de – colega –, a folha do Sr. Pinto Monteiro?

Há neste procedimento ou uma anomalia, que o *Eco* não poderá explicar satisfatoriamente, ou um cálculo, que acusa os mais reprováveis sentimentos da parte daqueles que o põem em prática.

Dir-se-ia que, pra o *Eco*, um pasquim imundo, desprezível explorador de escândalos e disfarçado fabricante de insultos, passa a ser um jornal útil, morigerado e digno até de que a imprensa que se presume séria e moralizada o chame – colega, desde que as injúrias que publica, as calúnias que forja, os escândalos que promove, tenham por objetivo a pessoa dos adversários dele *Eco*.

Mas também, desde que se anuncia o aparecimento de uma outra folha, da qual o *Eco* tem motivos para recear represálias, vem ele logo dizendo, em tom profético e ameaçador: “*a responsabilidade do que possa suceder, dos conflitos que esse elemento de perturbação social possa provocar, não cabe nem ao proprietário nem a quem escrever os insultos e as infâmias, mas a quem instigou o primeiro a publicar o pasquim e a quem cometer o erro de assiná-lo.*”

E dizer que o *Eco* nunca aplicou estas eloquentes palavras a *Comédia Social* e mais aos que a protegem e assinam!...

Tartufos!...²⁰

Mesmo assim, em seção intitulada “Corre por aí...”, o *Artista* mantinha a discussão com o *Eco do Sul*, de forma ainda mais enfática, incisiva e ferina, trazendo acusações indiretas e diretas para com o outro diário:

Corre por aí...

... que nas corridas do prado, de domingo último, houve alguém que, tendo jogado *double* contra *simples* no primeiro páreo, recusou pagar a aposta, depois de a haver perdido.

*

... que o que havia jogado *simples* ainda se deu por muito feliz, recebendo a parte com que entrara para a aposta.

*

... que um sujeito que estava ao lado, murmurou ao ouvido de um companheiro – *Se não fosse assim, não haveria dinheiro para oferecer a tipografias, afim de não publicarem certos jornais!...* (...)

*

... que o *Eco* não soube desmanchar, hoje, decorosamente a teia em que ele mesmo se enredou, ontem, noticiando o aparecimento do *Bisturi*.

*

... que aos principais pontos da contradita enérgica que esta folha lhe opôs, não respondeu

²⁰ ARTISTA. Rio Grande, 4 abr. 1888, p. 1.

IMPRENSA PERIÓDICA NA CIDADE DO RIO GRANDE: DOIS BREVES ESTUDOS DE CASO

porque não podia negar a verdade sabida e constatada.

*

... que o *Eco* provou ainda uma vez, nesta questão, a sabedoria do anexim – *Gato ruivo do que usa disso cuida*.²¹

Na tentativa de diminuir a relevância das asseverações do *Artista*, por meio de uma coluna denominada “Questão pequena”, o *Eco* afirmava:

Questão pequena

Sob a epígrafe – *O adversário “descobre-se”* – fez o *Artista*, de anteontem um curso de moral jornalística a propósito do *Bisturi* e da *Comédia Social*, terminando por cuspir-nos esta invectiva: *Tartufos!*.

Deus o sabe e ele o sente, o *Artista*, que estorçoções de consciência custou aquela parlanda!²²

Segundo o *Eco*, “não se representa impunemente o papel de moralista do jornalismo, quando se tem culpas agravadas no mundo da publicidade”, ou seja, “quando nas mesmas colunas em que se predicam doutrinas aromatizadas com as essências sutis da candura e da inocência, o *Corre por aí* trai o predicator”, ao arrojor “pela sua boca de sarjeta as impuras exalações do despeito, do ódio e de outros maus sentimentos”, que o mesmo “mantém em estado de permanente fermentação”. Tal periódico dizia desconhecer “a

²¹ ARTISTA. Rio Grande, 4 abr. 1888, p. 2.

²² ECO DO SUL. Rio Grande, 6 abr. 1888, p. 1.

autoridade do moralista” a quem devolvia “intacta a invectiva com que – mau catequista – pretendeu edificar o nosso espírito de catecúmeno relapso”. Afirmava ainda que “todos os que malhamos dia a dia” na “bigorna da *política local* e, pela dura necessidade do ofício, embebemos às vezes a pena nas lixívias e decoadas do doesto”, de modo que não poderia, “sem cair no ridículo, enrostar e arguir pecados em que por igual reincidimos de contínuo”. Destinava sua mensagem àquele que “não já mal inspirado pela paixão política, mas por questões de amor próprio mal entendido”, vinha a escorregar, “fundo abaixo, no golfeão do ataque à vida íntima”, de maneira que “muito menos” lhe assistiria “o direito de pontificar em questões de moral jornalística”²³.

Mais especificamente a respeito da querela envolvendo o *Bisturi* e a *Comédia Social*, o *Eco* buscava prestar certos esclarecimentos:

Revertemos à questão do *Bisturi* e da *Comédia Social*.

A notícia que motivou esta questiúncula não foi resultado de invenção nossa, mas de informações que nos foram prestadas por pessoa que julgamos fidedigna; acolhendo-a em nossas colunas não visamos a outro fim se não o de fazer compreender os intuitos com que o *Bisturi* fora criado.

Tendo em vista o incidente ocorrido entre o Dr. Pires e o Sr. Pinto Monteiro, e considerando aquele muito capaz dos maiores sacrifícios pecuniários para lograr a satisfação dos seus

²³ ECO DO SUL. Rio Grande, 6 abr. 1888, p. 1.

IMPRENSA PERIÓDICA NA CIDADE DO RIO GRANDE: DOIS BREVES ESTUDOS DE CASO

ódios – posto que é rancoroso – contra todos quantos supõe conluiados com o mesmo Sr. Pinto Monteiro para o atacarem, era muito natural que acreditássemos a versão chegada aos nossos ouvidos.

Acreditamo-la e temo-la como verdadeira, porque sabemos ainda que esse homem *milagrosamente* diplomado, tem no organismo moral essências de Pasquino, e se não obedece à sua natureza odienta, fazendo-se ostensivamente pasquineiro, é porque, em primeiro lugar, não lhe dá o besunto para ligar duas ideias no papel, em segundo lugar, porque carece absolutamente de coragem pessoal para fazer frente aos *percalços* do ofício...

Cometendo a outrem essa tarefa, sem dúvida superior às suas forças intelectuais e físicas, ele sabe o que faz e quanto lhe custa a coisa; somente o que ele não sabe é que lhe caberá inteira a responsabilidade moral e positiva dos conflitos a que as demasias do *Bisturi* possam dar origem.

Certamente o *Eco* não descerá a discutir ou alterar com esse parasita da publicidade porque já a sua posição, já a sua significação o impedem de cruzar as suas armas com o fueiro empunhado pelo representante dos ódios e malquerenças do Dr. Pires; mas nada impedirá os insultados de se desforçarem contra estes em letra gorda impressa em cartazes afixados nas esquinas e nas calçadas das ruas – recurso tão legítimo como qualquer outro...

Nunca emitimos juízo sobre a índole e conduta da *Comédia Social*; todos os que vivem em contato conosco perfeitamente sabem que nenhuns outros vínculos, além dos que decorrem de simples relações pessoais, nos ligam à pessoa

do proprietário daquele periódico; ele mesmo poderá, se quiser, atestar que jamais lhe sugerimos a menor ideia de ataque a este ou aquele dos nossos desafetos ou inimigos.

Pelo que respeita ao redator do *Eco*, já dissemos o que nos cumpria dizer; o Sr. Rocha Galo compromete-se a quebrar de uma vez para sempre a sua pena e a deixar o jornalismo se alguém provar que ele escreveu uma linha sequer para a *Comédia Social*.

Quem pessoalmente o conhecer far-lhe-ia a justiça de acreditar que ele, o que é por si, não tem inimigos nem ódios, e que nunca aproveitaria o infame recurso de que o *Artista* o supõe capaz, para hostilizar a quem dano algum lhe fez.

Não pegam, pois, as *bichas* por esse lado, como não pegam pelo lado da questão em que o *Artista* explorou uns imaginários elogios do *Eco* à *Comédia Social*.

Se não aplicamos a esta última as palavras que uma bem fundada prevenção nos inspirou a propósito do *Bisturi*, é porque quando a *Comédia* apareceu no estádio da publicidade sabíamos que não surgia com o propósito deliberado de atacar reputações e caracteres.

A sobriedade e concisão com que historiamos o incidente Almeida Pires – Pinto Monteiro, e o tom em que posteriormente nos pronunciamos sobre o *rapto* da tipografia da *Comédia*, bem claramente demonstraram que não tínhamos *partido*, nem nos influenciavam considerações traidores de conchegos inconfessáveis com a parte ofendida.

Isto devia pesar no animo do *Artista*.

IMPrensa PERIÓDICA NA CIDADE DO RIO GRANDE: DOIS BREVES ESTUDOS DE CASO

Diz o órgão liberal que o nosso companheiro Sr. Alfredo Rodrigues de Oliveira oferecera 60\$000 rs. a uma tipografia para não imprimir o *Bisturi*.

Uma revoltante falsidade! Que tipografia foi essa que recusou um *negócio tão suave*, uma renda tão avultada a troco de *sacrifício* tão fácil?

Pois haverá aí quem acredite em semelhante patranha?

Se o Sr. Rodrigues de Oliveira quisesse travar as máquinas de todas as tipografias do Rio Grande, para impedir a publicação do *Bisturi*, teria de desembolsar mensalmente uma boa *maquia*, correndo ainda assim o risco de que alguma, se não todas, recusasse a oferta.

Pois não era de ver que o *Bisturi* encontraria forçosamente uma tipografia que o acolhesse, como efetivamente encontrou?

Não parvoejemos, por amor ao bom senso, Srs. do *Artista*!

Esta curiosíssima história da oferta de 60\$000 daria, a ser verídica, a medida da toleima do Sr. Rodrigues de Oliveira, se na sua patente inverosimilhança não fosse um atestado da crassa imbecilidade dos que a acreditaram e lhe deram curso.²⁴

Novamente estabelecendo a intenção de ter a palavra final no acalorado debate, o *Artista* publicou “Para terminar”, alegando que, perante a discussão em pauta, o adversário utilizava-se de uma estratégia diversionista:

²⁴ ECO DO SUL. Rio Grande, 6 abr. 1888, p. 1-2.

Para terminar

O *Eco do Sul* foge matreiramente aos pontos principais da questão, que imprudentemente provocou a propósito do aparecimento do *Bisturi*, para obedecer ao irreprimível desejo de abocanhar o Sr. Dr. Almeida Pires, por conta e ordem de Alfredo Rodrigues de Oliveira.

Pois que assim é e que o que quer o órgão conservador é que lhe demos novos pretextos para vir diariamente injuriar, caluniar e deprimir um cidadão por todos os títulos digno da estima dos homens de bem, colocaremos na questão, por nossa parte, um simples ponto final.

Quando o *Eco* se resolver a abordar a questão principal e a explicar os motivos de seu contraditório e estranho procedimento em relação ao *Bisturi* e à *Comédia Social*, sem envolver no assunto pessoas que são a ele completamente estranhas; ter-nos-á prontos a discutir e contraditá-lo.²⁵

Ainda assim, o *Artista* não abandonava de todo o enfrentamento, como ao publicar “Registramos”, no qual o periódico fazia referência à passagem do *Eco*, segundo a qual o seu redator não escrevia para a *Comédia Social*, vindo a afirmar:

Provar que o redator do *Eco* não escreve para a *Comédia* é impossível, por isso que o único que podia confirmar a asserção e fornecer provas – o

²⁵ ARTISTA. Rio Grande, 6 abr. 1888, p. 1.

IMPRENSA PERIÓDICA NA CIDADE DO RIO GRANDE: DOIS BREVES ESTUDOS DE CASO

Sr. Pinto Monteiro – não fará, pelo menos enquanto estiver dependente do mesmo *Eco*. (...)

A declaração do redator do *Eco* não importará, perante a lógica e o bom senso, na confissão tácita de que, como escritor, é um instrumento maleável e passivo dos ódios de terceiros, e, como homem, um *indiferente* que em pouco avalia os seus direitos, a sua autonomia, a sua própria dignidade! (...)

Fica registrada, pois, a declaração do escritor, que confessa não ter inimigos nem ódios e ser incapaz de insultar e caluniar, pelas colunas de qualquer pasquim, pessoas que nenhum dano lhe fazem; mas que, sem embargo, insulta e calúnia frequentemente essas pessoas pelas colunas de uma folha, que se presume séria e moralizada.

Para um homem que assim procede – matar não deve ser um crime, desde que, para cometê-lo, o assassino tenha a cautela de escolher lugar e ocasião.²⁶

Na seção “Corre por aí...”, o *Artista* deu continuidade aos ataques contra o *Eco*:

Corre por aí...

... que o *Eco* confessou hoje, sem o querer, que tem parte no jornal do Sr. Pinto Monteiro desde antes de sua fundação.

*

... que logo no primeiro número [a *Comédia Social*] revelou os seus intuits e tendências, atacando desabrida, injusta e deslealmente algumas pessoas desta cidade (...).

*

²⁶ ARTISTA. Rio Grande, 6 abr. 1888, p. 1.

... que, assim, o *Eco* não tem desculpa, porque desde o primeiro número teve ocasião de ver que, ao contrário do que ele *sabia*, o novo hebdomadário não passava de um *jornaleco criado exclusivamente para o insulto e exploração do escândalo*.

*

... que, enfim, a folha da Rua Pedro II deve convencer-se, de uma vez para sempre, de que é mais fácil ir à lua em balão do que tapar o sol com peneiras.

*

... que a terrível e contristadora ameaça que hoje fez o redator do *Eco* – de quebrar para sempre a sua pena e deixar o jornalismo, se alguém conseguir provar que ele escreveu para a *Comédia Social* – produziu tal sensação na cidade, que dir-se-ia ter ocorrido uma calamidade pública!

*

... que, felizmente, o popularíssimo, quando fez o desafio, estava certo de que tais provas não apareceriam.

*

... que um dos proprietários de certa empresa jornalística da terra saiu hoje para o interior à cata de assinaturas que compensem o grande número das que ultimamente tem perdido.²⁷

A resposta do *Eco do Sul* não viria a tardar, com o artigo “Pontapé... e adiante”, no qual manifestava toda a sua indignação para com as investidas do *Artista*:

²⁷ ARTISTA. Rio Grande, 6 abr. 1888, p. 2.

IMPrensa PERIÓDICA NA CIDADE DO RIO GRANDE: DOIS BREVES ESTUDOS DE CASO

Pontapé... e adiante!

Dando *volta à cara* na questão originada pelo aparecimento do *Bisturi* – transfiguração abjeta da personalidade de Almeida Pires, bueiro pelo qual vão escoar-se todas as impurezas repugnantes do pântano represado no peito deste aliado da morte – o redator do *Artista*, outro pântano humano resolvido agora por um vilão da pior espécie, pôs a sua mania de polemista ao serviço da dignidade e do amor próprio do escritor que redige o *Eco*. (...)

Ah! certo, o apodo de Tartufo não cabe à tua miserável condição de réprobo social. Para entes da tua laia existe no vocabulário popular epíteto mais expressivo – o de *pústula* – que é uma espécie de designação sintética dos miseráveis, dos preceitos sociais, que, como tu, abdicaram, num cinismo revoltante, num *modus vivendi* repulsivo, todas as dignidades do ser pensante e inteligente.

Em resumo:

Este sujeito dá a medida do seu aviltamento moral, da sua abjeção, no fato de querer cobrir com a sua personalidade a individualidade Almeida Pires, oferecendo-se como alvo à nossa justa indignação.

Removemos com o pé, de uma vez para sempre, o miserável *para-raios*, para nos entendermos diretamente com o *outro*, proprietário anônimo do *Bisturi*, e com aqueles que se fazem representar na imprensa por um ladrão.²⁸

²⁸ ECO DO SUL. Rio Grande, 8 abr. 1888, p. 2.

Por sua vez, pouco depois, o *Artista* publicou longo editorial a respeito do redator do *Eco*, referindo-se a um escrito entabulado em 1885, segundo o qual não haveria nada o “que estranhar de Rocha Galo, que é capaz de dizer que ‘Deus não é Deus’”, considerando que tais “palavras, proferidas por quem com ele conviveu durante muito tempo, na intimidade que estabelece o trabalho em comum”, promoviam, “em um só traço, mas eloquente e expressivo, o caráter do homem e do escritor”. Nesse sentido, asseverava que “estas palavras escritas há três anos, têm ainda hoje o valor da oportunidade e respondem às diatribes que contra” o *Artista* “ejaculou o redator do *Eco*, a quem pacientemente” continuaria “a mostrar quais são os verdadeiros *patifes*, *cínicos* e *pústulas* que infestam a sociedade rio-grandense”. Ao término do artigo, a folha concluía incisivamente: “Por hoje, basta”²⁹.

Uma das últimas manifestações da contenda deixava ainda mais evidenciado que se tratava de um enfrentamento entre o *Eco do Sul* e o *Artista*, tanto que aquele publicou o artigo “Nós e o *Artista*”, detratando o proprietário deste periódico e demarcando sua apoquentação para com a folha adversária, mormente no que tange à seção “Corre por aí”:

Nós e o *Artista*

Quando o Sr. Franklin Torres passou do *Eco* para o *Artista*, atraído pelo legítimo interesse de melhorar de sorte e de posição, supúnhamos que o órgão liberal ia tomar uma feição decente e séria e que nos seria dado, a nós e a ele,

²⁹ ARTISTA. Rio Grande, 10 abr. 1888, p. 1.

IMPRENSA PERIÓDICA NA CIDADE DO RIO GRANDE: DOIS BREVES ESTUDOS DE CASO

conduzirmos as discussões e polêmicas políticas com altura e moderação. (...)

Bem contra a nossa expectativa, porém, o órgão liberal, que aparecera nos primeiros dias calmo e refletido, surpreendeu o público com a criação do imundo *Corre por aí*, o qual surgiu como uma forma evolutiva do pasquim para ir gradativamente descendo à esterqueira das mais nojentas e abjetas seções de panfleto pornográfico, chegando à perfeição de conspurcar o pudor da própria inteligência em tiradas consagradas aos amores de *messalinas*.

Nunca o *Artista* descera tanto; jamais pelas suas colunas se procurou explorar o escândalo por modo tão infame (...).

Como se explica, pois, que o Sr. Franklin Torres haja consentido em que o *negro* ou *moleque* – sempre conforme a sua expressão – enlameasse as colunas do seu jornal estabelecendo nele essa *nesga* de pasquim em que já tem sido insultados soezmente, infamemente, caracteres conspícuos e funcionários públicos que não têm dado que dizer de si senão louvores e encômios?

Não compreendemos, não podemos compreender essa transformação súbita da índole e do caráter do Sr. Franklin Torres, senão como um efeito pernicioso do contato com a *pústula* que teve a infelicidade de conservar junto a si e que acabará por acarretar-lhe grandes dissabores.

Como quer que seja ao atual proprietário do *Artista* é que cabe a responsabilidade da situação verdadeiramente anômala, profundamente deplorável que se prepara e que explodirá em conflitos cujas consequências é impossível prever, pois o *Eco* vê-se forçado a criar também a sua

nesga de pasquim, para exercer a represália contra os seus inimigos.

A nossa divisa é – *olho por olho, dente por dente* – já agora é forçoso que assestemos as nossas baterias para responder ao fogo do inimigo. Desejariamos fazer jornal culto, moderado, circunspecto, mas vemos que tendo por diante o *Artista* na atitude em que permanece, é absolutamente indispensável molharmos a pena na bílis revolta e fazer frente a quem nos ataca.

É necessário que o Sr. Franklin Torres tenha presente que a provocação não partiu do lado do *Eco*, e sim do lado do *Artista*, precisamente do *Corre por aí*.³⁰

Dessa maneira, polêmico por natureza, desde a sua origem o *Bisturi* traria tal característica em seus textos e ilustrações, mas, mais do que isso, gerou um clima de profunda altercação em meio à imprensa diária rio-grandina. Na origem do caricato, ao passo que o *Diário do Rio Grande* adotou uma postura protocolar e informativa, o *Eco do Sul* utilizou-se do lançamento da folha ilustrada para publicar nota na qual buscava atingir em cheio seus adversários, notadamente o *Artista*, diário que defendia ideário partidário diametralmente oposto ao seu. A partir daí, originou-se um profundo conflito discursivo, entre *Eco* e *Artista*, revelando as convicções partidárias de cada um – respectivamente conservadora e liberal –, bem como trazia as próprias discordâncias pessoais entre proprietários e redatores de cada uma das publicações. Desencadeou-se então um processo de réplicas e tréplicas consecutivas, que

³⁰ ECO DO SUL. Rio Grande, 11 abr. 1888, p. 2.

IMPrensa PERIÓDICA NA CIDADE DO RIO GRANDE:
DOIS BREVES ESTUDOS DE CASO

refletiam um enfrentamento não só embasado em argumentos como também em xingamentos, que chegavam bem próximos do baixo calão. A inexistência de exemplares impede que sejam observadas as reações do próprio *Bisturi* frente ao embate. Entretanto, a inauguração do semanário ilustrado já carregava em si o germen da agitação que Thadio Amorim traria à comunidade rio-grandina, mormente entre seus adversários, como era o caso dos conservadores e, portanto, do *Eco do Sul*. Como “a arte da caricatura é geralmente considerada como um dom perigoso, mais próprio a tornar seu possuidor temido do que estimado”³¹, desde suas atuações no *Amolador*, no *Diabrete* e no *Maruí* e chegando ao ápice com o *Bisturi*, Alves Amorim desencadeou em torno do espírito crítico que sustentou por meio da arte caricatural e da imprensa uma série de reações que o colocaram no centro de muitas das polêmicas travadas no âmbito da cidade do Rio Grande.

³¹ LIMA, 1963. p. 5.

Alfredo Ferreira Rodrigues e o *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul**

Na virada do século XIX ao XX, as publicações periódicas ocupavam um papel essencial na difusão de cultura em meio às sociedades. A imprensa firmava-se cada vez mais como veículo de propagação de informações e agia diretamente na constituição de hábitos, valores e padrões de consumo e na formação daquilo que se convencionou chamar de opinião pública. Os grandes diários apareciam quase como oráculos, cujas notícias e opiniões adquiriam um caráter de verdade inquestionável e a eles juntavam-se variadíssimos gêneros jornalísticos, notadamente, aqueles ligados à pequena imprensa, comumente executando práticas voltadas, à cultura, à literatura, ao humor, à ironia e à crítica, assim como representavam determinados segmentos socioeconômicos. Esses jornais tinham um lugar fundamental também na expansão cultural, trazendo em suas páginas textos de variadíssimo número de escritores, alguns completamente desconhecidos e outros que se

* Texto adaptado a partir de: ALVES, Francisco das Neves. Alfredo Ferreira Rodrigues: difusor do gosto pelos almanaques em terras sul-rio-grandenses. In: CHAVES, Vania Pinheiro (org.). *O Rio Grande do Sul no Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*. Porto Alegre: Gradiva, 2014. p. 129-156.

transformariam em verdadeiros ícones, dando assim espaço decisivo à divulgação da cultura literária.

Um outro tipo de publicação periódica que conquistou amplo mercado junto ao público leitor, não tinha a circulação diária ou semanal, como a maior parte dos jornais, constituindo, isto sim, um anuário, o qual viria a ocupar um espaço alternativo neste meio impresso, uma vez que guardava características do periodismo, mas, ao mesmo tempo, se aproximava do formato tradicional dos livros. Foi como esse misto de jornal, revista e livro que os almanaques conquistaram notável popularidade, caindo no gosto dos leitores em variadas partes do mundo. Nas páginas dos almanaques as pessoas encontravam uma enorme gama de informações, desde os mais diversos fundamentos da vida em sociedade, até as variadas formas de interação do homem com o meio. Tais anuários também se caracterizaram por trazer ao público uma série de atividades ligadas ao entretenimento, notadamente jogos de palavras, adivinhações e charadas. Mas o aprimoramento cultural nas suas mais diversas formas de manifestação também estava presente nos almanaques, que traziam textos voltados a muitas das áreas do saber humano, notadamente no que tange à literatura, à história, à geografia e à estatística.

Os almanaques refletiam assim a relevância que a leitura exercia na vida das pessoas, para as quais os mecanismos de entretenimento eram bastante escassos, de modo que ler passava a ser uma das ações fundamentais na ocupação do tempo livre. Eram tempos ainda da leitura coletiva, como tão bem representaram vários registros textuais e iconográficos, que mostravam famílias ou grupos reunidos em torno de um indivíduo

IMPRENSA PERIÓDICA NA CIDADE DO RIO GRANDE: DOIS BREVES ESTUDOS DE CASO

que lia uma publicação periódica. Além disso, as informações/opiniões editadas em tais publicações eram repetidas à extenuação, ganhando força na formação da opinião dos leitores. Ao aliar a leitura com os mais variados tipos de passatempos, os almanaques atuavam como uma proposta alternativa em relação às demais modalidades do periodismo então em voga. Na cidade do Rio Grande, um dos representantes de sua intelectualidade, Alfredo Ferreira Rodrigues, dedicou vários anos de sua vida à edição de um dos mais relevantes almanaques rio-grandenses-do-sul à época da virada do século XIX ao XX.

Ferreira Rodrigues nasceu a 12 de setembro de 1865 na cidade do Rio Grande. Ele viria a tornar-se uma criança de personalidade introvertida, ou seja, era um menino quieto que se tornou homem sereno, talhado para aquilo que lhe traria notório reconhecimento, a qualidade de reunir documentos e a redação de textos históricos e culturais. Desde os dois anos de idade, Alfredo viveu na vizinha cidade de Pelotas, aos cuidados de seu cunhado Bernardo Taveira Júnior, escritor e professor reconhecido em seu meio, o qual exerceria indelével influência na carreira intelectual de Rodrigues. O jovem Alfredo terminou o curso secundário e foi preparado pelo cunhado para os exames do curso de Humanidades a serem realizados na capital da província. Uma tragédia familiar acabaria por constituir momento de inflexão na vida do estudante. Aos dezesseis anos perdeu seu pai e como o cunhado Taveira Júnior passava por dificuldades financeiras, ele teve de desistir de seus projetos de vida no que tange ao

estudo superior, passando a trabalhar para garantir o seu sustento e o da sua família³².

Em um primeiro momento, Ferreira Rodrigues dedicou-se ao magistério, lecionando Matemática, Geografia, História, Inglês e outras disciplinas em estabelecimentos de ensino na cidade de Pelotas. Nessa época, junto de alguns companheiros, no ano de 1884, fundou naquela comuna o semanário *A Pena* e o Centro Abolicionista³³. Tendo em vista a remuneração insuficiente para seus encargos, o promissor Alfredo, que sempre se inclinara às atividades intelectuais teve de abandonar a cátedra para se empregar, ainda em Pelotas, a partir de 1887, como revisor na Livraria Americana³⁴. Ao menos o destino não afastara Rodrigues de todo das lides intelectuais, tendo em vista seu novo lugar de trabalho. Em 1891, ele foi promovido a gerente e transferido para a filial da mesma livraria na cidade do Rio Grande. Nesse meio tempo, a partir de 1889, começou a publicar um de seus mais importantes trabalhos, o *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul* que foi editado anualmente até 1917, trazendo, além de matérias de variada natureza e entretenimento, textos culturais de alguns dos expoentes da intelectualidade de então, dentre eles o próprio Alfredo, um dos que mais contribuiu com a publicação. No *Almanaque*, o escritor conseguiria o espaço necessário

³² RUSSOMANO, Mozart Victor. A vida silenciosa de Alfredo Ferreira Rodrigues I. In: *Revista Província de São Pedro* n. 18. Porto Alegre: Globo, 1953. p. 47-48.

³³ ROSA, Othelo. Alfredo Ferreira Rodrigues. In: *Revista Província de São Pedro*. n. 20. Porto Alegre: Globo, 1955. p. 108.

³⁴ RUSSOMANO, 1953, p. 48.

IMPRENSA PERIÓDICA NA CIDADE DO RIO GRANDE: DOIS BREVES ESTUDOS DE CASO

para a divulgação de sua já profícua e copiosa produção. Em dezembro de 1893, se casaria com Honorina Silveira, união da qual adviria numerosa prole.

Em 1910, as dificuldades financeiras mais uma vez batiam à porta daquele pai de família. Eram treze filhos para alimentar e educar, além de um sem número de parentes a quem não negava ajuda. Em busca de melhores condições de existência, ele passou a atuar como caixeiro-viajante, de uma firma estabelecida com farmácia na cidade do Rio Grande. O novo emprego destinou a Rodrigues a função de peregrinar pelos mais recônditos lugares do Rio Grande do Sul, tendo de enfrentar a precariedade dos meios de transporte de então, a distância da família, as preocupações com a situação financeira e atuando num meio que nada estimulava sua verve intelectual³⁵. Mais uma vez o destino pregava uma peça no estudioso, criando-lhe obstáculos substanciais à carreira de escritor, pois ainda que continuasse o trabalho intelectual, este foi se tornando progressivamente menos intenso.

Nesse contexto, as atividades comerciais cada vez mais tomavam conta do cotidiano de Ferreira Rodrigues. Em 1914, junto de um antigo empregador, fundou a Drogaria *Unicum*, cujo nome advinha da denominação de “Único” que o próprio Alfredo granjeava em suas andanças pelo interior do Rio Grande, tendo em vista seu dinamismo e sua cultura³⁶. Mais tarde, por conta de suas novas funções, voltaria a residir na cidade de Pelotas. Ligado intrinsecamente às lides mercantis, acabaria por envelhecer no trabalho. Uma outra perda

³⁵ RUSSOMANO, 1953, p. 48.

³⁶ ROSA, 1955, p. 109.

marcaria de modo trágico a sua vida, agora a de um filho, ceifando mais uma porção da sua vontade de continuar na empreitada cultural. Teria chegado a afirmar que “morria para as letras”, perdendo o “vício” de pesquisar e escrever. Pouco a pouco deixaria de lado a carreira intelectual, dedicando-se quase que exclusivamente ao trabalho e à família da qual, enquanto pode, escondeu as reais condições de sua saúde, vindo a falecer a 8 de março de 1942, na Beneficência Portuguesa da cidade de Pelotas³⁷.

Intelectual de monta para os padrões da época, Alfredo Ferreira Rodrigues desenvolveu extensa obra. Além dos textos editados no seu *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, publicou livros, livretos e artigos, mormente em periódicos³⁸. Um de seus maiores objetivos foi o de reunir documentos sobre a história gaúcha, com ênfase para o evento que se tornaria o principal fulcro de sua obra – a Revolução Farroupilha³⁹. Rodrigues chegou a publicar uma série de “a pedidos” junto à imprensa, no sentido de anunciar sua busca por

³⁷ RUSSOMANO, 1953, p, 49-52.

³⁸ Acerca da produção intelectual do escritor, ver: MARIANTE, Hélio Moro. *Alfredo Ferreira Rodrigues*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1982.; MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS/IEL, 1978. p. 495-497.; e VILLAS-BÔAS, Pedro. *Notas de bibliografia sul-rio-grandense: autores*. Porto Alegre: A Nação/IEL, 1974. p. 432-436.

³⁹ ALVES, Francisco das Neves. A gênese do mito da Revolução Farroupilha: a construção discursiva de um historiador rio-grandense. In: *Anais da XXII Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica*. Rio de Janeiro: SBPH, 2003. p. 287-294.

IMPRENSA PERIÓDICA NA CIDADE DO RIO GRANDE:
DOIS BREVES ESTUDOS DE CASO

documentos, de modo que ele reuniu, em sua época, a mais completa coleção de fontes acerca do Rio Grande do Sul e, principalmente, sobre a Farroupilha. Posteriormente, já alquebrado e desistindo de sua carreira intelectual, Ferreira Rodrigues repassaria seu acervo para o Arquivo Histórico do Estado⁴⁰ e outros documentos remanescentes seriam doados à Biblioteca Rio-Grandense⁴¹.

Como estudioso, Rodrigues organizou um arquivo para a posteridade, no qual uma ordem meticulosa presidia a tudo, pois as próprias cópias eram feitas com limpeza e atenção máxima, de modo a excluir a possibilidade de erros de leitura e, principalmente, de erros de interpretação⁴². Enquanto pesquisador, bateu às portas de todas as estâncias sul-rio-grandenses, na caça aos documentos e aos depoimentos, num peregrinar edificante pelas canhadas e coxilhas, pelas serras e pelas matas. Nos lugares em que sabia que havia qualquer pessoa ou coisa que pudesse esclarecer o passado gaúcho, lá comparecia para ouvir aquela e adquirir ou copiar o que houvesse. E ia publicando tudo, testemunhos e provas, principalmente no seu famoso

⁴⁰ ARQUIVO HISTÓRICO DO RIO GRANDE DO SUL. *Inventário da Coleção Ferreira Rodrigues*. Porto Alegre: Comissão Executiva do Sesquicentenário da Revolução Farroupilha, Subcomissão de Publicações e Concursos, 1985.

⁴¹ ALVES, Francisco das Neves. Documentos de um historiador rio-grandino: a Coleção Alfredo Ferreira Rodrigues no acervo da Biblioteca Rio-Grandense (levantamento parcial de fontes). In: ALVES, Francisco das Neves (org.). *Historiadores rio-grandinos*. Rio Grande: FURG, 2001. p. 11-33.

⁴² ROSA, 1955, p. 111

Almanaque. Nesse sentido, muito do que se viria a ler sobre a formação histórica gaúcha, poderia até trazer assinatura diversa da de Alfredo Ferreira Rodrigues, mas, o autor espiritual, porém, foi ele⁴³.

Em seus escritos, Rodrigues utilizou-se de vários cognomes, iniciais e pseudônimos, como ao publicar charadas, em que assinou Bargasosse e Didino, já em crônicas, ensaios, estudos, notas, informações, apareciam muitas vezes A., A. R., A. F. R., ou A. Rodrigues, e ainda Manoel de Souza e Azevedo, Manoel de Soiza, Azevedo, ou Manoel de Soiza, em uma homenagem ao seu avô materno⁴⁴. Como estudioso reconhecido, pertenceu aos quadros sociais do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, do Instituto Arqueológico e Geográfico de Pernambuco, do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, do Instituto Histórico e Geográfico do Ceará, do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, da Sociedade de Geografia de Lisboa e da Academia Rio-Grandense de Letras⁴⁵, demonstrando que seu renome não se limitava apenas ao contexto gaúcho.

De acordo com os padrões culturais de sua época, Alfredo Rodrigues executou a contento a função de intelectual. Interessou-se por toda a história nacional, mas se especializou na história regional, com destaque para o tema que lhe despertou verdadeira paixão, a

⁴³ GOYCOCHEA, Luis Felipe de Castilhos. Preto de saudade. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*. II trimestre. Porto Alegre: Imprensa Oficial do Estado, 1943. p. 176-177.

⁴⁴ RUSSOMANO, 1953, p. 53.

⁴⁵ ROSA, 1955, p. 109.

IMPRENSA PERIÓDICA NA CIDADE DO RIO GRANDE: DOIS BREVES ESTUDOS DE CASO

Guerra Civil Gaúcha de 1835-1845. Seus escritos vinham a público principalmente através das edições do *Almanaque* por ele organizado, o qual, quando lançado, tinha seus exemplares rapidamente esgotados. Ferreira Rodrigues escreveu ensaios e críticas em estilo simples, desataviado e agradável. Homem modesto, destinado a uma vida silenciosa e sem busca de projeções, deixando esse intento para outros, ele redigia com espontaneidade e sem a menor preocupação de causar efeito. Desse modo, seus estudos tinham alcance popular, pois não só a matéria por seu ineditismo despertava a atenção pública, como o método e a clareza da exposição os colocavam ao alcance da inteligência de todos⁴⁶.

O projeto da edição de um almanaque levado em frente por Ferreira Rodrigues, vinha ao encontro da perspectiva de sucesso que esse tipo de publicação atingia. Tal recepção positiva originava-se do fato de que os almanaques reuniam e ofereciam um saber para todos, de cunho astronômico, religioso, social, científico, técnico, histórico, utilitário, literário e astrológico⁴⁷. Seu conteúdo continha calendários, jogos, atrações e material recreativo, informativo, científico e literário, trazendo ainda indicações úteis, exercícios literários e previsões,

⁴⁶ RUSSOMANO, Mozart Victor. A vida silenciosa de Alfredo Ferreira Rodrigues II. In: *Revista Província de São Pedro* n. 19. Porto Alegre: Globo, 1954. p. 53-54. Esboço biográfico elaborado a partir de: ALVES, Francisco das Neves. Fazendo história no Rio Grande do Sul à virada do século XIX ao XX: o trabalho de Alfredo Ferreira Rodrigues. In: *Revista Historiae*. Rio Grande: Editora da FURG, 2011. v. 2. n. 1. p. 9-24.

⁴⁷ LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 7.ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2013. p. 480.

como as vinculadas às estações do tempo, às fases da lua, ao movimento das marés e às profecias⁴⁸. Em suas páginas, os conhecimentos históricos e científicos ficavam entremeados por literatura, poesia, teatro, juntamente com humor, passatempos, jogos e miríades de informações úteis⁴⁹. Sem abdicar da sua função inicial de prognóstico, tais publicações ofereciam informação rápida e sintética em vários campos, bem como promoviam a oferta de literatura para públicos específicos⁵⁰. Nessa linha, esse gênero viria a constituir um objeto capaz de preservar o essencial da sabedoria humana, uma espécie de compêndio passível de arquivar as verdades essenciais, e também fornecer um modelo de organização do cotidiano e da vida em sociedade⁵¹.

O gosto de Ferreira Rodrigues pela pesquisa, pela escritura de textos e pela difusão da leitura, acabaria por ficar em grande parte reprimido, tendo em vista seus compromissos pessoais/profissionais, mas, notadamente através de seu trabalho na Livraria Americana, conseguiu ao menos em parte dar vazão a tais

⁴⁸ BAHIA, Juarez. *Dicionário de jornalismo – século XX*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010. p. 20.

⁴⁹ MOREIRA, Alice T. C. Almanaque: fonte plural da história da literatura do Rio Grande do Sul. In: *Letras de hoje*. Porto Alegre: PUCRS, 1998, v. 33, n. 3. p. 144.

⁵⁰ CHAVES, Vania Pinheiro. O *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* na história da cultura e das literaturas de Portugal e do Brasil. In: MOREIRA, Maria Eunice (Org.). *Percursos críticos em história da literatura*. Porto Alegre: Libretos, 2012. p. 112.

⁵¹ ANASTÁCIO, Vanda. Almanagues. Origem, gêneros, produção feminina. In: *Veredas*. Santiago de Compostela, n. 18, 2012, p. 55.

IMPRENSA PERIÓDICA NA CIDADE DO RIO GRANDE: DOIS BREVES ESTUDOS DE CASO

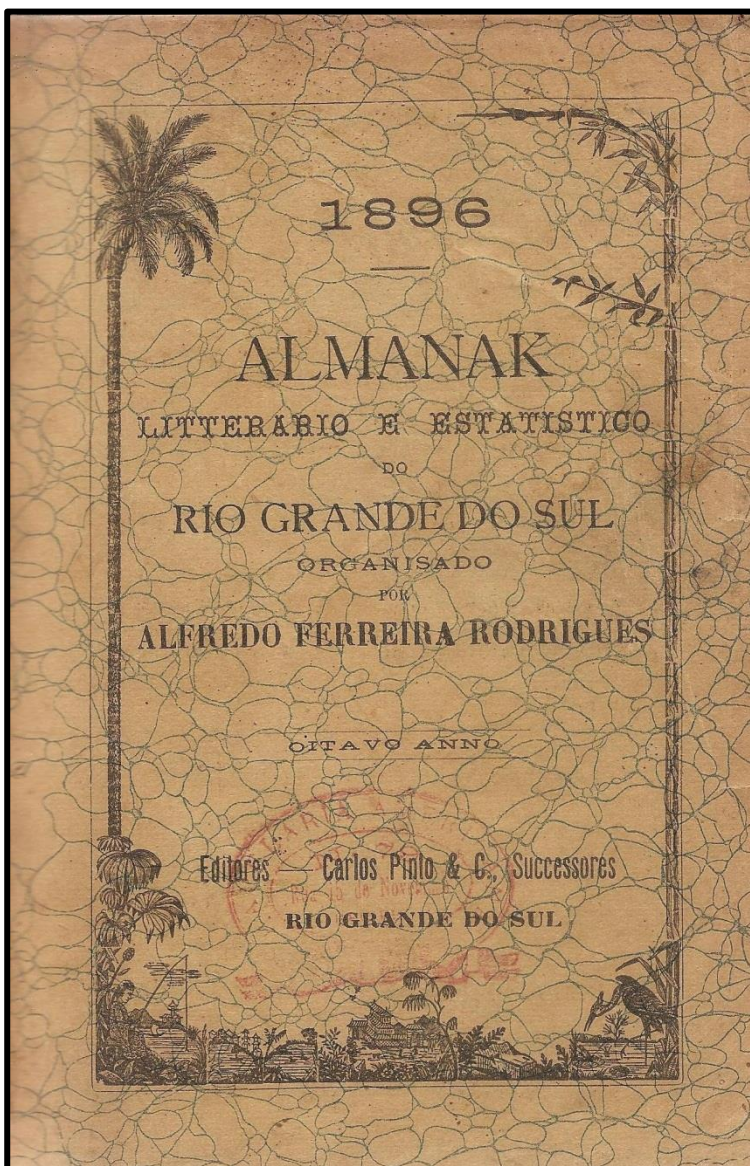
inspirações, mormente por meio do projeto de publicação de um almanaque. Não é para menos que Rodrigues além do próprio almanaque que iria realizar sob sua direção, colaborou com diversas publicações de tal gênero, como foi o caso do *Almanaque Ilustrado Luso-Brasileiro*, editado em Portugal e buscando atingir um público no contexto dos dois países. Seus escritos apareceram ainda em almanaques sul-rio-grandenses, como o *Anuário do Rio Grande do Sul*, publicado em Porto Alegre, e o *Almanaque Popular Brasileiro*, editado em Pelotas. Fechava-se assim o circuito das três mais importantes cidades gaúchas daquela virada de século XIX para XX, mormente no que tange à cultura, ou seja, a capital da província, depois estado – Porto Alegre; o núcleo da produção pecuário-charqueadora – Pelotas; e o único porto marítimo por onde escoava a produção rio-grandense-do-sul – a cidade do Rio Grande.

Essa comuna portuária, naquela época, teve uma relevância significativa no que tange a publicações periódicas, pois, desde cedo, para a conjuntura regional, teve jornais circulando, chegando a possuir uma das mais promissoras imprensas no contexto gaúcho, ficando, quantitativa e qualitativamente atrás apenas da capital provincial/estadual. Jornais diários longevos e variados representantes da pequena imprensa, como caricatos, literários, pasquins e folhas ligadas a determinados segmentos socioeconômicos circularam pelas ruas do Rio Grande desde a década de 1830 e, naquela virada de século, o jornalismo rio-grandino passava por uma fase de apogeu. Havia, portanto, um público consumidor de leitura e, vislumbrando tal possibilidade, Alfredo Ferreira Rodrigues passou a projetar uma publicação que, ao contrário das folhas

então circulantes, normalmente diários ou semanários, tivesse uma edição anual.

Foi nessa conjuntura que nasceu o *Almanaque Literário e Estatístico da Província do Rio Grande do Sul*, o qual teve de mudar o título para *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, suprimindo a expressão “província”, a partir de sua edição de 1891, tendo em vista a mudança na forma de governo brasileira, com a queda da monarquia e a ascensão republicana, transformando-se as províncias em estados. O *Almanaque* acabaria por atingir significativo sucesso, vindo a circular de maneira ininterrupta entre 1889 e 1917, perfazendo vinte e nove edições nas quais passou por constantes inovações gráficas e de conteúdo, mas sempre sob a batuta de Ferreira Rodrigues. Através das páginas iniciais e finais e da seção *Expediente*, o escritor rio-grandino iria demonstrar suas alegrias e angústias, bem como os alcances e os limites de seu anuário, servindo tais asseverações como elementos discursivos balizadores para se verificar as potencialidades e os obstáculos à execução daquela experiência que tanto lembrava o *Almanaque de Lembranças* e que traduziu o gosto por este tipo de leitura naquelas terras do extremo-sul do Brasil e até mesmo em outros lugares nos quais circulou.

IMPrensa PERIÓDICA NA CIDADE DO RIO GRANDE:
DOIS BREVES ESTUDOS DE CASO



Já na edição original, organizada em 1888, para circular em 1889, Ferreira Rodrigues manifestava seu regozijo por estar publicado o número inicial do *Almanaque*, porém logo atalhava, afirmando que o primeiro passo estava dado, mas que a caminhada até ali fora carregada de obstáculos e contrariedades a vencer para organizar o livro que era entregue ao público. Interessante ressaltar a utilização da expressão “livro”, bem de acordo com os padrões de então de transformar edições periódicas em verdadeiros livros a serem alocados em coleções e bibliotecas, tal qual acontecia com as edições no formato de fascículos, colecionáveis e com paginação contínua, as quais eram muito típicas entre folhetins publicados nos rodapés dos jornais diários e entre alguns dos periódicos literários que então circulavam. Dentre as dificuldades apontadas por Rodrigues estava a de que faltaram dados de toda a espécie, sobretudo certas informações de procedência oficial com as quais o escritor contava e não pode obter, pois não havia na província um setor sobre estatística regularmente organizado⁵².

Apesar de tais óbices e revelando seus dotes de pesquisador incansável na coleta de documentos e dados, o organizador do *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul* afirmava que não desanimara, tomando a si o pesado encargo de colecionar os apontamentos que pudessem interessar a todos, mostrando o desenvolvimento e progresso da província, de modo que, a partir de todos esses elementos esparsos,

⁵² RODRIGUES, Alfredo Ferreira (org.). *Almanaque Literário e Estatístico da Província do Rio Grande do Sul para 1889*. Rio Grande: Tipografia da Livraria Americana, 1888. p. 3.

IMPRENSA PERIÓDICA NA CIDADE DO RIO GRANDE: DOIS BREVES ESTUDOS DE CASO

pudesse fazer um livro digno da aceitação e da proteção pública. Ao lançar aquele primeiro número do anuário, Alfredo Ferreira Rodrigues julgava ter conseguido muito, ainda mais porque todo aquele extraordinário trabalho fora feito no prazo de cinco meses, desde que fora encetada a lida, até o dia no qual se concluía a impressão do *Almanaque*⁵³.

Um dos primeiros problemas detectados por Ferreira Rodrigues na elaboração do anuário foi a ausência de apoios, notadamente no que tange à obtenção de dados biográficos. Escrever biografias era uma das preferências do escritor que entabulou uma série de textos sobre personalidade sul-rio-grandenses, notadamente daqueles que tiveram participação na Revolução Farroupilha, de modo que praticamente todas as edições do *Almanaque Literário e Estatístico* possuíam ao menos um texto de cunho biográfico. Diante disso, Alfredo queixava-se do irmão e do filho de um personagem que pretendia biografar para aquele primeiro número, pois, ao pedir informações a eles, só obtivera de um e de outro o mais absoluto silêncio. Nesse sentido, lamentava aquilo que era segundo a sua concepção uma triste verdade, uma vez que, levado pela veneração que merecia a memória do pretenso homenageado, procurando render um preito ao seu talento e patriotismo, dando-lhe o primeiro lugar na galeria dos homens ilustres, haviam sido os seus próprios parentes que se mostraram indiferentes àquele tentame. Mas ele não desistiu e, à última hora, recorrera

⁵³ RODRIGUES, *Almanaque para 1889*, p. 3.

a um escritor que aceitara apresentar um texto de outra natureza⁵⁴.

Apesar de tal dificuldade, Alfredo Ferreira Rodrigues mostrava a satisfação do dever cumprido com aquela primeira edição do *Almanaque*, destacando que, na *Parte literária*, a edição fora mais feliz do que na biográfica, já que não faltaram colaboradores em todos os gêneros e aquele anuário poderia orgulhar-se de contar em suas páginas com composições firmadas por alguns dos primeiros poetas brasileiros. Encerrando a apresentação daquele número original, o organizador afirmava que fizera o possível para bem desempenhar-se de tão difícil e espinhosa missão, de modo que o livro estava ali, não considerando o mesmo como uma obra perfeita e sim, apenas um ensaio e entregava aos leitores a avaliação final, enfatizando que seria a aceitação pública que diria se era ou não merecedor de recompensa aquele modestíssimo trabalho⁵⁵.

Já na segunda edição do *Almanaque*, Ferreira Rodrigues continuava a narrar o conjunto de obstáculos que se interpunham à colocação daquele periódico junto ao público leitor. Dessa maneira, o escritor dizia que não saía o segundo volume como tencionava apresentá-lo, salientando, entretanto, que a culpa não fora sua, pois não havia poupado esforços para dar-lhe o maior desenvolvimento possível, mas dificuldades e contratempos de toda a sorte vieram a travar a marcha regular que pretendia imprimir à obra. Até mesmo as intempéries climáticas constituíram óbices à realização do *Almanaque*, como explicava o próprio organizador, ao

⁵⁴ RODRIGUES, *Almanaque para 1889*, p. 3-4.

⁵⁵ RODRIGUES, *Almanaque para 1889*, p. 4.

IMPRENSA PERIÓDICA NA CIDADE DO RIO GRANDE: DOIS BREVES ESTUDOS DE CASO

destacar que a grande enchente que se fizera sentir em todo o sul da província, causara não pequeno atraso, pois que, tendo sido invadido pelas águas o gasômetro, as oficinas da Livraria Americana ficaram sem motor, sendo, durante um mês, movidas a braço todas as máquinas, do que resultou grande perda de tempo. Somava-se a essa dificuldade a coincidência que ocorrera entre o exercício geral e provincial com o ano civil, impossibilitando a obtenção de certos dados indispensáveis à *Parte estatística*, só obtidos como muita defasagem⁵⁶, prejudicando tal seção a respeito da qual Rodrigues procurava ter extremo cuidado na elaboração.

Ainda assim, o organizador buscava demonstrar os avanços da publicação, explicando que conseguira apresentá-la consideravelmente aumentada e enriquecida em qualquer das outras seções, sem ser a *Estatística*, o que seria fácil de verificar, comparando o primeiro e o segundo volume. Apontava também para incremento de um terço a mais de matéria na *Parte literária*, destacando os aprimoramentos tipográficos, como o aumento da largura do corpo das letras, afirmando que, inclusive, pretendia suprimir o tipo miúdo, o que fora impossível, pelo acúmulo de originais e, sobretudo, pelo não pequeno número de artigos demasiadamente extensos. Rodrigues aproveitava aquela apresentação para notificar que a redação do *Almanaque* estava aberta para receber colaborações em qualquer sentido, pedindo unicamente que o tamanho dos artigos fosse proporcional ao espaço à disposição, de

⁵⁶ RODRIGUES, Alfredo Ferreira (org.). *Almanaque Literário e Estatístico da Província do Rio Grande do Sul para 1890*. Rio Grande: Tipografia da Livraria Americana, 1889. p. 3.

modo que pudesse atender a todos. Ao concluir a introdução ao segundo volume, o escritor gaúcho dizia que ali estava o trabalho e que se mais não fizera não fora por falta de esforços, alertando que tal atividade até poderia parecer fácil para alguns, mas só quem uma vez metera ombros a tal empresa é que sabia o quanto custava levar ao cimo da montanha o rochedo de Sísifo⁵⁷, comparando sua empreitada ao esforço do personagem mitológico, condenado a rolar uma pedra montanha acima para, chegando ao cume, ter de iniciar novamente sua triste jornada.

Na edição que marcava a retirada do termo “província” do nome do *Almanaque*, impressa em 1890 para o ano seguinte, Ferreira Rodrigues abandonava a mensagem de abertura escrita às primeiras páginas, reproduzindo uma característica de seu próprio estilo de escrever, calcado na impessoalidade e em uma ausência praticamente completa da fala do autor, mormente expressando opiniões em suas obras. A partir de então, ao fim do *Almanaque* aparecia a seção *Expediente*, mais protocolar do que as apresentações publicadas nas duas primeiras edições, mas que ainda refletia ao menos em parte o *modus operandi* na confecção de um almanaque. O organizador insistia que o periódico continuava a aceitar colaborações sobre qualquer assunto, desde que não envolvesse ofensa e não ultrapassasse o recato indispensável em uma publicação daquela natureza. Rodrigues esclarecia que havia inteira liberdade de opiniões, não sendo a do diretor do *Almanaque* obstáculo

⁵⁷ RODRIGUES, *Almanaque para 1890*, p. 3-4.

IMPRENSA PERIÓDICA NA CIDADE DO RIO GRANDE: DOIS BREVES ESTUDOS DE CASO

à publicação de qualquer artigo⁵⁸. Não imaginava ele que, sob a nova forma de governo, tal política editorial aberta à liberdade de expressão viria a ser progressivamente cerceada com as medidas crescentemente autoritárias e coercitivas adotadas pelas autoridades públicas.

Apesar da amplitude que dava ao recebimento de trabalhos de colaboradores, Alfredo Rodrigues fazia uma ressalva de ordem técnica, ou seja, que a colaboração fosse variada, para que não aparecesse um nome assinando só charadas ou só poesias, afirmando que tal desequilíbrio acabara por provocar naquele número uma distorção, pois fora obrigado a dar pouco espaço a quem maior direito tinha de reclamá-lo. Entretanto, já anunciava que, para o próximo volume, guardara um arquivo avultado e quase exclusivamente composto de charadas e poesias, de modo que, entusiasmado com tal potencialidade, exclamava – A continuar assim, onde iremos parar?⁵⁹ –, em clara alusão ao sucesso que os indícios faziam sentir como o provável destino da publicação anual.

Revelando a estrutura organizacional em termos de cronograma, o organizador informava que as correspondências e colaborações deveriam ser remetidas de modo a estarem em seu poder até o mês de abril de cada ano, demonstrando que a feitura do *Almanaque* era uma atividade que se desenvolvia praticamente ao longo do ano inteiro. Ao mesmo tempo, não deixava de

⁵⁸ RODRIGUES, Alfredo Ferreira (org.). *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul para 1891*. Rio Grande: Tipografia da Livraria Americana, 1890. p. 313.

⁵⁹ RODRIGUES, *Almanaque para 1891*, p. 313.

mostrar as dificuldades na execução da obra e era com certo constrangimento que Rodrigues registrava as necessárias retificações em relação ao número anterior, apontando que nem os leitores, nem os próprios editores tinham ideia dos motivos de escaparem alguns erros, uma vez que, por mais cuidado que houvesse na revisão das provas, não era possível evitar um ou outro engano, mormente em um livro como o *Almanaque*, considerado como uma verdadeira torre de Babel, tamanha era a acumulação de originais⁶⁰.

Outro dos obstáculos constantemente enfrentado pelo editor do *Almanaque* estava ligado à seção denominada *Parte estatística*, tanto que no número preparado em 1891 para 1892, tal segmento não foi publicado, sob o argumento de que, por mais que fosse pedido, era impossível obter certas informações indispensáveis à sua organização, faltando completamente dados sobre rendas, despesas, importação e exportação do estado, além de outros de não menor importância. A tais dificuldades, somava-se o fato de que o recenseamento populacional feito recentemente só permitira que fossem coligidos dados relativos a uma ou outra localidade e, assim mesmo, alguns deles incompletos. Desse modo, o organizador explicava que, na contingência de apresentar um trabalho sem valor algum, ou demorar ainda mais para lançar o novo volume, resolvera suprimir a *Parte estatística*, tomando o compromisso de, para o ano seguinte, dar um estudo de maior valia. Ainda que tivesse suprimido aquele segmento, Rodrigues apresentava uma seção que viria a ser um dos pontos

⁶⁰ RODRIGUES, *Almanaque para 1891*, p. 313.

IMPRENSA PERIÓDICA NA CIDADE DO RIO GRANDE: DOIS BREVES ESTUDOS DE CASO

altos da publicação, com a organização de um concurso de charadas que prometia a publicação dos nomes dos melhores charadistas⁶¹. Assim, o *Almanaque* ganhava força não só como difusor da leitura, mas associando tal ato ao próprio entretenimento e, além disso, iniciava-se uma rede de leitores de variados lugares que interagiam com o editor da publicação.

Na primeira metade da década de noventa do século XIX, o Rio Grande do Sul passaria por um período de grandes atribulações político-ideológicas que acabariam por redundar em implacável violência, tendo em vista as disputas pelo poder entre governistas e oposicionistas, mas nem mesmo essas instabilidades interromperiam a circulação do *Almanaque*. Como era de seu feitio, Alfredo Ferreira Rodrigues evitava falar dos confrontos partidários preferindo concentrar-se nos empecilhos de ordem técnica que afligiam a edição do anuário, afirmando que começavam as dificuldades com o pessoal, que a custo se conseguia, mingua e em parte pouco habilitado. À falta de uma equipe especializada, somavam-se outros contratempos, pois, quando estavam os dados quase todos coligidos e só faltava organizá-los, era a impressão que atrasava e urgia apressá-la para sair o *Almanaque* a tempo de ser exposto à venda em todos os pontos da república e no estrangeiro antes do fim do ano, além do que, nos últimos dias, houvera um desarranjo na impressora, a qual ficara parada por uma semana. Apesar de tais óbices, o organizador revelava que a rede de leitores do

⁶¹ RODRIGUES, Alfredo Ferreira (org.). *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul para 1892*. Rio Grande: Tipografia da Livraria Americana, 1891. p. 293-295.

anuário já se espalhava além do território sul-riograndense, atingindo também várias partes do Brasil e do exterior. O prazo para a entrega de originais dos colaboradores seria prorrogado até maio, de modo a receber maior quantidade de material e o concurso charadístico começava a aparecer como uma estratégia de sucesso, iniciando-se a publicação de uma lista de decifradores que envolvia pessoas dos mais variados lugares do país, demarcando o alcance do *Almanaque*⁶².

Essa tendência de expansão dos leitores além do âmbito gaúcho ficava bem expressa no *Expediente* do sétimo volume, na afirmação de que este tivera maior desenvolvimento que os anteriores, compreendendo não só assuntos relativos ao Rio Grande do Sul, mas também aos outros estados do Brasil, de maneira a procurar corresponder ao acolhimento que a publicação vinha tendo em toda a parte. O objetivo era assim tornar o *Almanaque*, pouco a pouco e na medida das forças do editor, um livro que interessasse a todos. Para tanto, era salientado que seria necessário o auxílio das pessoas competentes, sendo solicitado a todos que estudavam e trabalhavam pelo progresso nacional que remetessem dados estatísticos, informações úteis, descrições de localidades, apontamentos geográficos e narrativas históricas. Nesse sentido, o organizador manifestava confiança de que não lhe seria negado auxílio e, com o esforço de uns e de outros, seria feito um livro, útil e apreciável. Tais propostas revelavam que, apesar da decisiva relevância da participação do editor, o anuário

⁶² RODRIGUES, Alfredo Ferreira (org.). *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul para 1893*. Rio Grande: Tipografia da Livraria Americana, 1892. p. 283-287.

IMPRENSA PERIÓDICA NA CIDADE DO RIO GRANDE: DOIS BREVES ESTUDOS DE CASO

já passara a também constituir uma verdadeira obra de natureza coletiva. Apesar de alguns percalços o concurso charadístico ganhava corpo, enfrentando problemas como acusações de plágio, caso de um enigma copiado do *Almanaque de Lembranças*, sendo o autor da imitação identificado, tirando-se, assim, “as penas de pavão à gralha pretensiosa”⁶³.

Desse modo, as edições do *Arquivo Literário e Estatístico* continuavam, apesar do Rio Grande do Sul estar mergulhado em uma acirrada guerra civil, a Revolução Federalista, que durou de 1893 a 1895. Os avanços do anuário eram informados por Alfredo Rodrigues ao destacar que na edição para 1895 deixaram de aparecer muitos artigos que foram remetidos para a redação, uma vez que, para dar lugar a todos, seria preciso o dobro de páginas da *Parte literária*, em uma clara identificação de que a quantidade de trabalhos enviados pelos colaboradores multiplicava-se crescentemente. Nessa linha, o organizador da obra explicava que a cada colaborador fora dado, salvo raríssimas exceções, lugar para apenas uma contribuição, para assim terem entrada outros, não chegando, apesar disso, o espaço para todos⁶⁴.

A *Parte estatística* continuava a constituir um dos sérios óbices para o editor do anuário, tanto que ele resolveu substituí-la por uma seção de *Estatística, história*

⁶³ RODRIGUES, Alfredo Ferreira (org.). *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul para 1894*. Rio Grande: Tipografia da Livraria Americana, 1893. p. 287-291.

⁶⁴ RODRIGUES, Alfredo Ferreira (org.). *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul para 1895*. Rio Grande: Tipografia da Livraria Americana, 1894. p. 275.

e *geografia* relativa ao Rio Grande do Sul. Tal resolução advinha da impossibilidade de obter certos dados, por falta de um serviço de estatística regularmente organizado, de modo que os apontamentos coligidos eram sempre incompletos e por vezes se distanciavam da verdade, além do que muitos dos dados pedidos chegavam tarde demais em relação à impressão, deixando de ser publicados para não atrasar o aparecimento da obra. Rodrigues supunha que tal alteração não iria prejudicar o interesse pelo livro, pois sempre que tivesse dados minuciosos não deixaria de publicá-los, como naquele caso em que apareciam o resultado do recenseamento de 1890 e uma notícia sobre as novas colônias do estado. Em compensação à seção estatística, o organizador prometia publicar, além dos dados geográficos e históricos que fossem remetidos ou coligidos, uma monografia sobre pontos pouco conhecidos ou mal estudados da história gaúcha, de modo que seriam recebidos com especial agrado todos os trabalhos de história e geografia sobre o estado que viriam a enriquecer as páginas do *Almanaque*⁶⁵.

O concurso charadístico continuava mobilizando leitores de norte a sul do Brasil e até da vizinha República do Uruguai, mas, ainda que não tivesse impedido mais uma edição do anuário, a conjuntura geral de enfrentamento bélico a qual estava submetido o país também traria algum tipo de efeito sobre a obra. Nesse sentido, o número de decifradores que vinha mantendo uma tendência de crescimento, acabou por ter um decréscimo, advindo tal acontecimento das dificuldades ocorridas na expedição do *Almanaque*, por

⁶⁵ RODRIGUES, *Almanaque para 1895*, p. 275-276.

IMPRENSA PERIÓDICA NA CIDADE DO RIO GRANDE: DOIS BREVES ESTUDOS DE CASO

terem ficado para alguns pontos suprimidas e para outros muito irregulares as comunicações, havendo atrasos no envio até mesmo para os estados mais próximos como Santa Catarina e Paraná, de modo que, com tão curto espaço de tempo, os decifradores desistiram da tarefa em sua maior parte, ainda que alguns não tenham esmorecido⁶⁶. Além do controle coercitivo à liberdade de expressão, o estado de exceção vivido pelo Brasil criava obstáculos ao próprio sistema de correios nacional, com a fiscalização das correspondências e os impedimentos causados pela guerra que não trazia apenas os prejuízos socioeconômicos, mas também os culturais.

O término da conflagração militar serviria para que a publicação voltasse à sua normalidade fundamentalmente no que tange à distribuição, permanecendo a obra aberta ao recebimento de colaborações em prosa e verso, bem como as dedicadas ao entretenimento. Tal retorno à rotina era também revelado pelo já tradicional concurso charadístico que recuperou o número de participantes que se distribuíam pelo território nacional do Pará ao Rio Grande do Sul⁶⁷. Nessa época, o reconhecimento intelectual do organizador do *Almanaque* também aparecia em destaque no anuário, sendo divulgada como uma honrosa distinção o fato de Alfredo Ferreira Rodrigues ter recebido o título de sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, considerado, dentre as

⁶⁶ RODRIGUES, *Almanaque para 1895*, p. 277-279.

⁶⁷ RODRIGUES, Alfredo Ferreira (org.). *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul para 1896*. Rio Grande: Tipografia da Livraria Americana, 1895. p. 279-283.

associações científicas nacionais, como a que maior soma de serviços tinha prestado ao país. O ingresso do escritor nessa entidade devera-se a trabalhos publicados no próprio *Almanaque*, manifestando o diretor do livro a sua felicidade por ver os seus modestos trabalhos aceitos e aplaudidos por aquela “benemérita e sábia associação”, considerando essa rara distinção que recebera como um incentivo para prosseguir em seus estudos da história rio-grandense, de modo que o reconhecimento daquele grupo de intelectuais estendia-se do próprio autor à sua obra. Quanto às seções de entretenimento, com alegria, Rodrigues dizia que crescera a maré, aumentando o número de decifradores das charadas, os quais eram oriundos de todas as regiões do país, havendo representantes do sul, do centro, do nordeste, do norte e do centro-oeste⁶⁸.

Quando o *Almanaque* chegou ao décimo ano de existência, seu organizador anunciava que a publicação se apresentava com melhoramentos em todas as suas seções, de modo a corresponder ao favor sempre crescente que o público lhe vinha dispensando. Rodrigues passava a detalhar algumas das melhorias, informando que no segmento *Calendário* fora mais desenvolvida a lista de festas religiosas e nacionais, abrangendo esta última os dias feriados em quase todos os estados da república. Ainda sobre os melhoramentos, dizia o editor que a *Parte literária*, além de encerrar mais matéria que qualquer dos volumes anteriores, por ter maior número de páginas e ser a composição mais

⁶⁸ RODRIGUES, Alfredo Ferreira (org.). *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul para 1897*. Rio Grande: Tipografia da Livraria Americana, 1896. p. 311-315.

IMPRENSA PERIÓDICA NA CIDADE DO RIO GRANDE: DOIS BREVES ESTUDOS DE CASO

cerrada, não existindo quase espaços em branco, estava naquele ano ilustrada com muitos retratos de brasileiros ilustres, executados alguns por um moderníssimo processo de gravura tão perfeito como a mais fiel reprodução fotográfica⁶⁹. Os aprimoramentos e os cuidados com a divulgação dos feriados bem demonstravam o alcance do anuário em vários locais do território nacional e as inovações tipográficas serviam também para manter e aumentar o público leitor.

Uma das grandes preocupações da publicação com dados ligados à estatística também foi incluído no rol das inovações daquela décima edição, sendo explicado que a seção de *Indicações* passava a conter muitos dados novos, sendo digna de nota a *Tabela de câmbio* que fora cuidadosamente organizada, verificada cálculo por cálculo, com o câmbio de 1/16 em 1/16 e os valores das moedas até três casas decimais, tornando os resultados obtidos tão dignos de confiança que, por exemplo, em um cálculo de dez mil libras, não haveria diferença de dez réis. Além disso, tal levantamento, pela sua disposição seria de fácil e rápida consulta, podendo-se dizer que nenhum outra publicação daquele gênero apresentava uma tabela tão completa e tão perfeita⁷⁰. Essa melhoria promovida pelo anuário refletia a importância de tais dados numéricos, notadamente os voltados às atividades mercantis e cambiais, demonstrando a inserção do Brasil no mercado mundial,

⁶⁹ RODRIGUES, Alfredo Ferreira (org.). *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul para 1898*. Rio Grande: Tipografia da Livraria Americana, 1897. p. 323.

⁷⁰ RODRIGUES, *Almanaque para 1898*, p. 323.

em sua tradicional posição de país agroexportador e receptor de investimentos e produtos industrializados.

A intenção de expandir-se além das fronteiras sul-rio-grandenses, avançando em direção aos mais longínquos lugares do Brasil também justificavam as inovações promovidas no anuário, afirmando seu organizador que, apesar da publicação ser mais especialmente consagrada a assuntos do Rio Grande do Sul, havia uma preocupação em dar maior desenvolvimento à matéria referente a todo o país, de modo a torná-la um livro não de interesse puramente local, e sim geral. Além disso, Rodrigues anunciava que não parariam ali os esforços no intuito de tornar o *Almanaque* uma publicação em tudo digna de apreço público e fora do cotejo com outras semelhantes. Na décima edição, a popular seção charadística mantinha o número de decifradores, cujos nomes dos mais destacados continuavam a ser identificados nas páginas do anuário, demonstrando que leitura do mesmo ainda se fazia presente nos mais variados pontos do Brasil⁷¹.

O sucesso do anuário era reproduzido nos seus próprios anúncios, os quais informavam que estavam publicados onze volumes daquele livro, que vinha apresentando importantes reformas e melhoramentos. O preço de capa daquela publicação, descrita como possuindo mais de trezentas páginas, em tipo miúdo e composição cerrada, custava 1\$000 réis nas três cidades gaúchas atendidas pela Livraria Americana (Porto Alegre, Pelotas e Rio Grande) e 1\$200 réis fora delas. Entretanto, demonstrando que possuía um significativo mercado consumidor, era informado que a edição de

⁷¹ RODRIGUES, *Almanaque para 1898*, p. 323-327.

IMPRENSA PERIÓDICA NA CIDADE DO RIO GRANDE: DOIS BREVES ESTUDOS DE CASO

1892 já estava esgotada e que havia raros exemplares do número de 1893, que chegavam a ser vendidos por 5\$000 réis. O décimo primeiro volume foi também apresentado como sensivelmente melhorado, pois, além do desenvolvimento dado à *Parte literária*, que abrangia maior número de textos sobre “brasileiros ilustres”, acompanhados de retratos executados por um moderníssimo processo de gravura, fora ampliada a *Crônica*, enriquecida também com retratos e apontamentos biográficos dos “rio-grandenses distintos” falecidos durante o ano. Era anunciado ainda que a seção de *Indicações* fora igualmente melhorada, refundindo-se muitos mapas, a que se deu uma nova feição, de modo a facilitar e tornar mais rápida a consulta, além do grande número de dados que foram acrescentados. Mais uma vez Rodrigues garantia que não parariam naqueles os seus esforços, prevendo para o próximo número outras reformas importantes, procurando assim tornar o *Almanaque* em tudo e por tudo uma publicação digna do favor público, que lhe vinha sendo liberalmente dispensado⁷².

Nos anos finais do século XIX e iniciais da centúria seguinte, o *Almanaque* passava por seu apogeu, sendo registrado que os próprios leitores haviam elogiado a sua composição mais bem feita e mais engenhosa. O concurso charadístico continuava em expansão, chegando o organizador a afirmar que subira a maré como nunca, pois o número de decifradores de vários locais do país atingira cifra maior que a de

⁷² RODRIGUES, Alfredo Ferreira (org.). *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul para 1899*. Rio Grande: Tipografia da Livraria Americana, 1898. contracapa e p. 323.

qualquer dos anos antecedentes. Ainda assim, os problemas continuavam a acontecer, explicando o editor que, em consequência da demora havida na execução dos clichês encomendados em tempo para o décimo segundo volume, não pudera ser a seção biográfica acompanhada, como de costume, do respectivo retrato, de modo que, para não demorar mais o aparecimento do anuário, deixara-se de incluir tal figura, ficando anunciado que o mesmo ocorreria na edição seguinte⁷³. Apesar de todas as tentativas de aprimoramento, a publicação ainda se via atormentada pelos obstáculos de ordem técnica.

Na edição destinada ao primeiro ano do século XX, mantinha-se a tendência de avanços, tanto que Alfredo Ferreira Rodrigues destacava que o número de decifradores das charadas subira como nunca naquele ano. Já havia, inclusive, quase que um banco de colaborações que ficavam guardadas para as próximas edições. O organizador, entretanto chamava atenção para o árduo trabalho de colocar aquele tipo de obra nas mãos do público leitor, enfatizando, por exemplo, que vinham sempre composições charadísticas sem a competente decifração, as quais deixariam de ser publicadas, pois não sobrava a ele tempo para combinar logogrifos ou resolver quebra-cabeças, além disso, pedia para que os decifradores indicassem o número de composições decifradas, de modo a facilitar a conferência e evitar o enfadonho e demorado trabalho

⁷³ RODRIGUES, Alfredo Ferreira (org.). *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul para 1900*. Rio Grande: Tipografia da Livraria Americana, 1899. p. 2 e 27-31.

IMPRENSA PERIÓDICA NA CIDADE DO RIO GRANDE: DOIS BREVES ESTUDOS DE CASO

da contagem⁷⁴. Tais avisos e reclamos de Rodrigues confirmavam que a publicação do anuário era praticamente uma atividade individual, ficando a organização da obra concentrada em suas mãos.

A partir de sua décima quarta edição, a de 1901 para 1902, o *Almanaque* passou a publicar uma autopropaganda que se repetiria em vários dos números seguintes, na qual o editor definia a obra como um interessante livro que, além de variadíssima e escolhida seção literária, na qual figuravam poesias e artigos assinados por distintos escritores brasileiros e portugueses, encerrava também valiosos documentos e estudos sobre história, estatística e geografia do Brasil e particularmente do Rio Grande do Sul. O anúncio chegava a destacar o *Almanaque* como a publicação mais importante de todo o Brasil, dizendo ainda que as suas diversas seções o tornavam um livro de consulta obrigatória a quantos se interessassem pelas tradições do passado. Revelando o intento de ser um trabalho colecionável, a propaganda destacava que o grande número de biografias de brasileiros ilustres publicadas em todos os volumes e acompanhadas de retratos, aumentava ainda mais o valor da publicação, cuja coleção deveria fazer parte da livraria de todos os estudiosos. Desse ano em diante o envio de originais de parte dos colaboradores foi antecipado de maio para abril, revelando a intenção de adiantar a preparação da obra e o número de participantes da seção charadística

⁷⁴ RODRIGUES, Alfredo Ferreira (org.). *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul para 1901*. Rio Grande: Tipografia da Livraria Americana, 1900. p. 291-295.

manteve-se estável⁷⁵, tendência que permaneceu na edição seguinte⁷⁶.

Tal estabilidade manteve-se no próximo número, mas para aprimorar a seção de entretenimento e evitar certas reclamações, o organizador optou por modificações na mesma, explicando que, no intuito de tornar a leitura do *Almanaque* cada vez mais atraente, resolvera sujeitar as composições charadísticas a certas regras, de modo a transformá-las em um passatempo instrutivo, um jogo de espírito e uma diversão agradável⁷⁷. A cada edição, Ferreira Rodrigues tendia a tecer menos comentários sobre a confecção do anuário, incluindo apenas os avisos rotineiros, ficando o *Expediente* cada vez mais centrado nos debates em torno das charadas. Em um primeiro momento, as reformas na seção charadística pareciam ter promovido um impacto negativo, pois, na edição seguinte, o número de decifradores baixou sensivelmente⁷⁸, vindo a recuperar-

⁷⁵ RODRIGUES, Alfredo Ferreira (org.). *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul para 1902*. Rio Grande: Tipografia da Livraria Americana, 1901. contracapa e p. 291-295.

⁷⁶ RODRIGUES, Alfredo Ferreira (org.). *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul para 1903*. Rio Grande: Tipografia da Livraria Americana, 1902. p. 283-289.

⁷⁷ RODRIGUES, Alfredo Ferreira (org.). *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul para 1904*. Rio Grande: Tipografia da Livraria Americana, 1903. p. 283-289.

⁷⁸ RODRIGUES, Alfredo Ferreira (org.). *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul para 1905*. Rio Grande: Tipografia da Livraria Americana, 1904. p. 295-301.

IMPrensa PERIÓDICA NA CIDADE DO RIO GRANDE: DOIS BREVES ESTUDOS DE CASO

se no próximo número⁷⁹, para novamente diminuir no seguinte⁸⁰. Além desse debate em torno do segmento de entretenimento e das informações quase que protocolares, o organizador fazia referência a uma ou outra possibilidade de plágio, mas sem envolver-se na discussão, limitando-se a divulgar as impressões das partes descontentes⁸¹.

A conciliação dos afazeres profissionais de Alfredo Ferreira Rodrigues com a elaboração do *Almanaque* tornava-se cada vez mais difícil, ainda mais quando ele teve de se afastar da Livraria Americana para trabalhar como caixeiro viajante. Os primeiros efeitos se expressaram através das poucas manifestações a respeito de progressos editoriais expressas na seção *Expediente*, a qual deixava de registrar outras observações que não fossem as rotineiras, notadamente às ligadas às charadas e seus decifradores. Ocasionalmente apareciam avisos, como o de um escritor que organizava um livro em Pernambuco e solicitava notas biográficas, retratos e boas produções de poetas pernambucanos⁸², revelando o alcance geográfico que o anuário gaúcho ainda atingia.

⁷⁹ RODRIGUES, Alfredo Ferreira (org.). *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul para 1906*. Rio Grande: Tipografia da Livraria Americana, 1905. p. 279-287.

⁸⁰ RODRIGUES, Alfredo Ferreira (org.). *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul para 1907*. Rio Grande: Tipografia da Livraria Americana, 1906. p. 277-291.

⁸¹ RODRIGUES, Alfredo Ferreira (org.). *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul para 1908*. Rio Grande: Tipografia da Livraria Americana, 1907. p. 265-274.

⁸² RODRIGUES, Alfredo Ferreira (org.). *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul para 1909*. Rio Grande: Tipografia da Livraria Americana, 1908. p. 275-286.

Apesar de certos avanços no número de participantes na seção charadística⁸³, a tendência mais constante era a de diminuição. O progressivo afastamento de Rodrigues e seus extremos cuidados editoriais começavam a fazer efeito, chegando a haver, por descuido da revisão, a publicação de trabalhos sem a indicação de autoria⁸⁴.

O caráter unipessoal que marcava a edição do *Almanaque* ficava expresso no próprio aviso publicado no *Expediente* do seu vigésimo quarto número, informando uma mudança de endereço, de modo que toda a correspondência relativa à parte literária e histórica enviada para o anuário deveria ser endereçada a Alfredo Ferreira Rodrigues, na Drogaria Franco-Brasileira, uma vez que ele tivera de deixar a Livraria Americana. O organizador mudara de atividade, mas ainda tentava manter a publicação que mantivera por quase um quarto de século. Entretanto, o declínio já se fazia sentir, tanto que, mesmo em uma das sessões mais populares, ligada aos concursos charadísticos, os números começavam a decrescer, como dito no próprio *Expediente* que informava que naquele ano baixara a onda, com a diminuição quantitativa, mas, ainda assim ressaltava que, o número reduzira-se, mas não diminuía o entusiasmo. Os efeitos das novas incumbências de Alfredo Rodrigues também faziam sentir seus efeitos, como na justificativa de uma

⁸³ RODRIGUES, Alfredo Ferreira (org.). *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul para 1910*. Rio Grande: Tipografia da Livraria Americana, 1909. p. 275-288.

⁸⁴ RODRIGUES, Alfredo Ferreira (org.). *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul para 1911*. Rio Grande: Tipografia da Livraria Americana, 1910. p. 277-289.

IMPRENSA PERIÓDICA NA CIDADE DO RIO GRANDE: DOIS BREVES ESTUDOS DE CASO

retificação, a qual afirmava que, devido à ausência do editor, a revisão das provas não fora feita pessoalmente por ele, como de costume, de modo que escaparam alguns enganos⁸⁵.

Ao completar o vigésimo quinto aniversário, o *Almanaque* revelava o pequeno número de listas recebidas dos decifradores das charadas, além disso, lamentava que, mais uma vez, escaparam muitos erros na revisão das provas, notadamente na numeração das composições charadísticas, a qual saiu toda errada, devido a descuido do revisor⁸⁶. Rodrigues passava cada vez mais a repassar funções a terceiros que, por sua vez, não mantinham os seus mesmos cuidados com o padrão editorial. O gosto pelas charadas parecia diminuir, apresentando essa seção números cada vez menores e, em proporção inversa, a quantidade de erros avolumava-se. Com certa angústia, o organizador do anuário afirmava que, infelizmente, por ter sido feita a edição longe dos seus olhos, pululavam os erros de revisão, caso de uma tradução na qual escaparam algumas falhas que alteraram o seu sentido, de um estudo que saiu sem assinatura, de um capítulo no qual a identificação de autoria saíra em lugar incorreto e de um artigo que fora editado de maneira truncada, ficando o texto interrompido. Diante disso, o diretor do anuário pedia desculpas ao público por tantas faltas, esperando

⁸⁵ RODRIGUES, Alfredo Ferreira (org.). *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul para 1912*. Rio Grande: Tipografia da Livraria Americana, 1911. p. 273-281.

⁸⁶ RODRIGUES, Alfredo Ferreira (org.). *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul para 1913*. Rio Grande: Tipografia da Livraria Americana, 1912. p. 271-275.

que o leitor inteligente soubesse fazer as correções que escaparam ao revisor⁸⁷.

Apesar da tentativa de receber mais colaborações, com a prorrogação da recepção das mesmas até maio de cada ano, o *Almanaque* dava sinais de que seu período áureo estava passando. O número de participantes da sessão charadística caía cada vez mais drasticamente e os deslizos tipográficos continuavam a aparecer nas páginas do anuário. Mais uma vez Alfredo Rodrigues lamentava que continuassem a ocorrer os erros de revisão, lastimando o esquecimento da assinatura em um artigo, além do que, por descuido do paginador, fora incluído na *Parte literária*, e como fecho dela, o reclamo de um preparado, o qual deveria estar publicado nas *folhas de anúncios* e nunca como material de texto, o que era contra a norma mantida havia vinte e sete anos pela direção do *Almanaque*, não sendo, portanto, desnecessária aquela observação⁸⁸.

Tal qual a participação efetiva de Alfredo Ferreira Rodrigues na edição de todos os segmentos do *Almanaque*, o número de leitores, como o de decifradores das charadas, cada vez mais decrescia. Além disso, a própria conjuntura internacional, agitada pela conflagração bélica em escala mundial também afetava a elaboração do anuário. Nesse sentido, o organizador afirmava que, em consequência das dificuldades cada

⁸⁷ RODRIGUES, Alfredo Ferreira (org.). *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul para 1914*. Rio Grande: Tipografia da Livraria Americana, 1913. p. 288-292.

⁸⁸ RODRIGUES, Alfredo Ferreira (org.). *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul para 1915*. Rio Grande: Tipografia da Livraria Americana, 1914. p. 281-283.

IMPRENSA PERIÓDICA NA CIDADE DO RIO GRANDE: DOIS BREVES ESTUDOS DE CASO

vez maiores de obter papel de impressão, ocorreu uma inevitável redução no número de páginas na edição de número vinte e oito. Apesar de tal obstáculo, Rodrigues enfatizava que considerara preferível naquele ano levar ao público um anuário um pouco menor, a ter de suspender a sua publicação, como teriam sido obrigadas a fazer outras obras congêneres⁸⁹. Na vigésima nona e última edição do *Almanaque* viriam a se confirmar as tendências até então renunciadas, com a culminância daquela cada vez mais progressiva diminuição de participantes naquela verdadeira rede de leitores interessados em cultura e entretenimento⁹⁰.

Terminava assim o último resquício dos sonhos literários de Alfredo Ferreira Rodrigues. A extinção do *Almanaque* em 1917 refletia as próprias ações de seu organizador, que anunciara ter “morrido para as letras”, bem como perdera o “vício” de pesquisar e escrever, de modo que, após essa data, foram pouquíssimos os textos que publicou. Ao lado da intrincada conjuntural internacional marcada pela guerra e a consequente falta de suprimentos para a edição do anuário, uma vez que tudo – do papel aos clichês – era importado, os esforços de Ferreira Rodrigues voltavam-se cada vez mais à sobrevivência própria e da família, afastando-se das lides literárias. O *Almanaque* foi o último bastião no qual Rodrigues sustentou a intenção de expandir a cultura

⁸⁹ RODRIGUES, Alfredo Ferreira (org.). *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul para 1916*. Rio Grande: Tipografia da Livraria Americana, 1915. p. 188-189.

⁹⁰ RODRIGUES, Alfredo Ferreira (org.). *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul para 1917*. Rio Grande: Tipografia da Livraria Americana, 1916. p. 202-203.

por meio da leitura, mas a fria realidade revelava que viver a partir “das letras” era uma empreitada de difícil realização.

Refletindo as lides intelectuais de seu tempo, com um vastíssimo rol de conhecimentos nas mais variadas áreas do saber humano, Rodrigues agia diretamente na elaboração de cada uma das etapas do *Almanaque*, como na redação dos textos, notadamente dos históricos e biográficos, não contribuindo só com a prosa, atuando também como poeta, na coleta dos dados, na recepção e classificação das colaborações, na coordenação da seção de charadas e nas diversas etapas da revisão, de modo que a sua presença era decisiva para a existência do anuário. O escritor/editor vislumbrou a potencialidade de difundir a leitura por meio de um anuário, que, com esmero e carinho, sustentou por quase três décadas. Assim, por meio do *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, seu organizador atingiu o intento da difusão cultural, vindo até mesmo a expandi-lo, tendo em vista o sucesso obtido por tal publicação, com sua verdadeira rede de leitores e colaboradores espalhada por várias localidades do vasto território brasileiro.



COLEÇÃO RIO-GRANDENSE

A **Cátedra CIPSH (Conseil International de la Philosophie et des Sciences Humaines/UNESCO) de Estudos Globais da Universidade Aberta** e a **Biblioteca Rio-Grandense** reuniram esforços para editar a *Coleção Rio-Grandense*. Mais meridional unidade político-administrativa brasileira, o Rio Grande do Sul, tem uma formação preñe em peculiaridades em relação às demais regiões do Brasil, estabelecendo-se uma sociedade original em vários de seus fundamentos. Da época colonial à contemporaneidade, a terra e a gente sul-rio-grandense foram edificadas a partir da indelével posição fronteiriça, resultando em verdadeira amálgama entre os condicionantes luso-brasileiros e platinos. A *Coleção Rio-Grandense* tem por intento fundamental a divulgação da produção intelectual acerca de variadas temáticas versando sobre o Rio Grande do Sul, com preferência para as abordagens de natureza cultural, histórica e literária.



UNIVERSIDADE
AbERTA
www.uab.pt

**Cátedra CIPSH
de Estudos Globais**
2020-2025

